

A ILLUSTRACÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e mandados de envio : em Portugal, ao sr. David Corazzi, 24, rua de Atalaya, Lisboa ; e no Brazil, ao sr. José do Minico, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.
Preço da numero à Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 21

PARIS 5 DE NOVEMBRO DE 1889

Garante em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 28, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS :

ANNO (CÓPIA) DRETO 13.000000 BRB
REMITTENTE (CÓPIA) DRETO 6.000000 —
ANNO (REDAÇÃO) DRETO 6.000000 —
ANNO (REDAÇÃO) DRETO 6.000000 —



SUA Magestade EL-REI O SENHOR DOM LUIZ I

FALLIMUNDO EM CASCAES NO DIA 19 D'OUTUBRO DE 1889.

A MORTE D'EL-REI

ESTA de lucto a nação portuguesa. Sua Magestade El-Rei o sr. D. Luiz I falleceu em Cascaes, no dia 19 de outubro ultimo, ás 11 horas e 10 minutos da manhã.

Perante a immensa dôr que affligiu a Família Real Portugueza, todas as palavras de consolação, por mais eloquentes e sentidas que ellas sejam, são absolutamente inuteis.

O melhor elogio do illustre e bondoso monarcha está na profunda e dolorosa impressão que a sua morte causou em todas as classes da nossa sociedade; no magoado interesse com que d'um extremo a outro do paiz se procurava saber noticias d'Aquelle, cuja prolongada agonia compungiu todos os corações bem formados.

A ILUSTRAÇÃO acompanha a imprensa portugueza nas mesmas demonstrações de sentimento e de respeituofo affecto que acaba de depôr aos pés da Família Real, d'essa tão illustre e tão generosa família — hoje dilacerada pela mais cruel e mais horriovel das catastrophes...

A REDACÇÃO.

Sua Magestade El-Rei o senhor D. Luiz Filipe Maria Fernando Pedro d'Alcantara Antonio Miguel Raphael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco d'Assis João Julio Augusto Volfando de Bragança e Bourbon, era o 31.º rei de Portugal e 17.º dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné, da conquista, navegação e commercio da Eithiopia, Arabia, Persia e da India. Era grão-mestre das ordens militares de Portugal e duque de Saxe Coburgo-Gotha. Era grão-cruz da Ordem do Sol de Ouro da Birmanha, Elephante da Dinamarca, Cavalleiro do Tosão de Ouro, Gran-Cruz do Merito Naval de Hespanha, da Legião de Honra, Cavalleiro da Jarreteira, do Redemptor da Grécia, de Luiz de Hesse, Cavalleiro da Annuciada, Gran-Cruz da Chrysantema do Japão, da Redempção Africana, da Liberia, de S. Marino, da Coroa dos Vendes, do Leão Neerlandez, da Agua Negra e Agu a Vermelha da Alemanha, Cavalleiro de Hohenzollern, Gran-Cruz da Estrella da Rumania, de Santo André, S. Alexandre, Agula Branca a Sant'Anna de Russia, da Coroa de Saxe, do Falcão Branco de Saxe Weimar, de Tacove da Servia, Cavalleiro do Elephante Branco de Siam, Gran-Cruz e Collar de Seraphim da Suecia, de Santo Olaf da Noruega, da G'oria de Nischad da Turquia, da Coroa de Wurtemberg, do Santo Sepulchro, etc.

O finado soberano nasceu no real paço das Necessidades a 31 de outubro de 1838, e succedeu no throno a 11 de novembro de 1861, a seu irmão o chorado rei D. Pedro V.

Casou por procuração em Turim a 27 de setembro e em pessoa na cidade de Lisboa, a 6 de outubro de 1862, com Sua Magestade a rainha a s:nhora D. Maria Pia de Saboya, filha de El-Rei de Italia Victor Moncel e de sua esposa a archi-duquesa de Austria Maria Adelaide Francisca Clotilde.

Fez serviço a bordo de varios corvetas, e commandou a *Bartholomeu Dias*, a bordo da qual possou os melhores e mais felizes dias da sua mocidade.

Os factos mais importantes do reinado do chorado monarcha, e as primeiras reformas, que Sua Magestade teve a gloria de firmar com a sua régia assignatura, foram os seguintes:

Fundação e inauguração da Escola Normal de Lisboa (1862); abolição dos vinculos (1863) e a extinção do monopollio do tabaco (1864). Em 1865 foi Sua Magestade prescilar á solemne inauguração da Exposição Internacional do Porto, a primeira grande exposição portugueza, — em 1868 associou-se pessoalmente ás grandiosas manifestações realisadas no Porto em homenagem a seu chorado avô o egregio duque de Bragança, e a seu chorado irmão o sr. D. Pedro V, — em 1867 firmara os decretos abolindo a pena de morte e promulgando o código civil, dois factos dos mais brilhantes da moderna historia nacional, — inaugurava o monum: publico erigido em honra do cantor das glorias patrias Luiz de Camões, — em 1869 assignava o celebre decreto, que o Marquez de Sá da Bandeira referendou, — abolindo a escravidão em todos os domínios portuguezes, — 1870 presidiu á inauguração do monumeto levantado em Lisboa em homenagem a D. Pedro IV; em 1871 solvia-se a divida de admiração nacional para com a memoria do grande poeta Boccage, — em 1875 prestava-se igual homenagem ao ministro da regencia d. Terceira, o honrado e esclarecido Mouzinho da Silveira, — em 1877 iniciava-se as grandes explorações africanas, que abriram uma nova era aos destinos da nação, determinando um forte movimento patriótico no sentido do levantamento do nosso antigo dominio ultramarino, e com ella se iniciou a mais brilhante phase do reinado de Sua Magestade o sr. Luiz I.

Em 1878 inaugurava-se em Lisboa o monumeto ao grande tribuno José Ezequiel, — em 1879 abria-se á exploração o caminho de ferro da Regua, iniciavam-se os trabalhos do caminho de ferro da Balsa Alta e regressava da sua primeira exploração africana os illustres viajantes portuguezes srs. Capello e Ivens — 1880 realisou-se a comemoração do centenario de Camões, a reunião em Lisboa de um congresso litterario internacional e de outro congresso de anthropologia — em 1884 commemorava-se o centenario do marquez de Pombal — em 1883 visitava S. M. a corte de Madrid, pagando assim a visita que no começo do anno antecedente haviam feito á corte de Lisboa SS. MM. os reis de Hespanha — em 1885 inaugurou o monumeto ao illustre marquez de Sá da Bandeira — em 1888 a Exposição Portugueza; e no ultimo periodo do seu reinado teve ainda a satisfação de saber que estavam realisadas outras importantes melhoramentos materiaes, de uma alta importancia para o paiz, como os caminhos de ferro de Torres, Cintra, Algarve e Cascaes.

Não deve ser esquecido o desenvolvimento dado nos ultimos annos ao engrandecimento e prosperidade dos nossos domínios ultramarinos, a construção dos caminhos de ferro de Loanda a Ambaca, e de Lourenço Marques a Pretoria, a ligação telegraphico-submarina entre as nossas colonias e a metropole, a fundação de centros de colonisação nos pontos mais apropriados da Africa occidental, o incremento dado aos serviços de navegação entre Lisboa e os portos de ultramar, com a ligação das duas costas, etc.

Durante o lapso de tempo decorrido desde 1861 a 1889, assignalaram ainda o reinado de Sua Magestade o sr. D. Luiz I os seguintes factos memoraveis: — a revindicação dos direitos de Portugal sobre Lourenço Marques e sobre a ilha de Bolama, revindicação obtida pela arbitragem dos presidentes dos Estados Unidos e França, — a visita á corte de Lisboa de suas magestades os imperadores do Brazil, da rainha D. Isabel II de Hespanha, de D. Amadeu de Saboya, do rei Humberto (então principe herdeiro da coroa de Italia), dos reis de Hespanha, D. Afonso XII e D. Maria Christina, do principe de Galles, dos duques de Saxe

Coburgo-Gotha, da princeza imperial do Brazil e de sua alteza o conde d'Eu, do principe Oscar da Suecia, do general Ulysses Grant, do famoso explorador Nordenskiöld, dos illustres sabios Virchow, Schaffhausen, Cartailiac, Quatre-fages, Capellini, Henri Martin e outros, que vieram tomar parte no Congresso Anthropologico de Lisboa, de sua magestade o rei Oscar da Suecia, dos condes de Paris, dos duques de Montpensier, da princeza de Joinville, da princeza Clementina de Saxe, do principe Fernando de Saxe (hoje principe da Bulgaria), e outros muitos personagens illustres, — a realisação da notavel exposição agricola de Lisboa e das exposições especiaes do Porto, Coimbra e Guimarães, — a fundação da « Associação dos Albergues Nocturnos », ideia que Sua Magestade realisou com o mais decidido empenho e com o mais sollicito cuidado, — a fundação das bibliothecas populares (iniciativa do ministro de instrução publica, o sr. D. Antonio da Costa) — das creches (iniciativa de S. M. a rainha a s:nhora D. Maria Pia) — das escolas industriales (iniciativa do ministro das obras publicas sr. A. A. de Aguiar), — a reivindicação de parte dos direitos de Portugal na vasta região do Congo e alargamento da linha de fronteira da rica provincia de Angola, — a travessia realisada no continente negro pelos exploradores portuguezes os srs. Brito Capello e Roberto Ivens; — e as viagens realisadas pelos exploradores srs. Pinto e Augusto Cardoso; as modernas reivindicações realisadas pela diplomacia portugueza com relação aos nossos domínios historicos em Africa e as convenções celebradas com a França e Alemanha sobre os limites das nossas possessões no grande continente, — as significativas affirmações do direito nacional assignaladas n'esse mesmo continente pelas forças portuguezas, — a conclusão das negociações para o restabelecimento dos direitos do real padroado das Indias Orientaes, e a celebração da concordata de 1886, etc., etc.

Elis a largos traços não só a biographia do monarcha mas a historia da sua regencia.

Quanto á sua vida intima, quando descansava dos grandes cuidados do Estado, encontrámo-la assim descripta no *Correio da Manhã*, evidentemente pela penna de Pinheiro Chagas:

No seu gabinete de Ajuda, d'onde se divisava o largo panorama do Tojo, concentrava-se nas horas que os deveres officiaes lhe não tiravam a poderosa villa intellectual e artistica de um espirito aberto a todas as altas aspirações e a todas as nobres curiosidades. Quando abandonava o seu violoncello, ou o seu lapis de desenhador humorista, porque caricaturava excellentemente, observavam-n'o as suas predilecções litterarias, e era agradável vê-lo, e ouvi-lo, traduzindo Shakespeare, rodeando-se de todos os livros que podiam fundamentar ou esclarecer a sua interpretação, acompanhando a litteratura moderna estrangeira ou nacional, passo a passo, traduzindo ora Rollinat nas suas *Nevroses*, ora Henri Bornier na sua *Fille de Roland*, sem esquecer ao mesmo tempo os autores portuguezes, cujas obras lia com prazer, o que o habilitava a ser agradável a todos mostrando-se conhecedor de todas as suas obras. A obra que deixou incompleta, no que suppomos, era a traducção da *Taming of a shrewd* de Shakespeare, uma das obras de mais difficil interpretação do grande poeta.

Nada porém lhe era estranho, e tudo incitava a sua curiosidade, ou o seu gosto do trabalho. As novas armas ou as novas formas de navios, as investigações historicas ou a solução dos problemas sociologicos captivavam-no. Desjeoso de concorrer pessoalmente tanto quanto podia para o progresso do seu paiz, procurou animar os trabalhos litterarios e scientificos, estabelecendo na Academia Real das Sciencias um premio annual, tratou de desenvolver o movimento beneficente, fundando os Albergues Nocturnos, e tomando a presidencia do Congresso de Beneficencia.

E, para não esquecermos todos os aspectos da sua physionomia, lembremos ainda o modo excellentemente como elle desempenhava o seu papel de regedor, quando, presidindo algum congresso, ou recebendo á sua mesa alguns homens importantes,

tinha de pronunciar alguma allocução, ou de fazer algum brinde, quer na sua lingua materna, quer nas linguas estrangeiras que manejava com rara facilidade: o francez, o inglez, o italiano, ou o allemão. Raras seriam os soberanos que podessem competir com elle n'essa *ars dicendi*, que não era a menos importante do seu officio de reinar. Esses triumphos consagraram a admiração dos estrangeiros, como no jantar dado aos congressistas de 1880, em que o brinde de D. Luiz alcançou uma verdadeira, sincera e espontanea ovacão, feita por um grupo, em que predominavam os republicanos.

A DOENÇA DEL-REI

Ha cerca d'um anno que no publico portuguez corriam os mais inquietadores boatos sobre a saúde de El-Rei e senhor D. Luiz I. E como a imprensa procurava por todos os modos attenuar a impressão causada pelos dolorosos boatos, não para occultar a verdade ao paiz, mas para occultar a verdade ao Soberano que ignorava a gravidade do seu estado, — foram correndo lendas sobre o verdadeiro caracter da doença.

Só se soube a verdade, a terrível verdade, no dia 15 de outubro findo. O *Diário do Governo* pela primeira vez quebrava o silencio acerca do estado do augusto enfermo, publicando o seguinte boletim:

Sua Magestade El-Rei e senhor D. Luiz, que, ha mezes, foi acometido de nevralgias do plexo sciatico, seguidas de phenomenos de athenia, apresenta actualmente accidentes de decubito, que hoje tornam muito grave o seu estado.

Real paço de Cascaes, 14 de outubro de 1889, ás nove horas da noite. — José Eduardo Magalhães Coutinho — Antonio Maria Barbosa — Arthur Ravara — D. Antonio Maria de Lencastre — Francisco Augusto de Oliveira Feijão — João Vicente de Barros da Fonseca, assistente.

O conhecimento d'este boletim espalhou-se rapidamente, e os termos em que era concebido produziram a maior anxiedade em todo o paiz. E não obstante o publico ter-se disposto, pouco a pouco, pelos boatos que corriam, a esperar más novas, o sobresalto foi grande, porque ninguém tinha como eminente uma catastrophe.

Os primeiros symptomas da doença de El-Rei manifestaram-se no ultimo periodo da viagem que Sua Magestade fez ás provincias do norte no outono de 1887. Foi em Braga, e na excursão ao Geréz, que appareceram as primeiras manifestações de mal-estar, que então se attribuíram, e muito naturalmente, a fadiga. Quando El-Rei veio a Lisboa assistir ás manobras do Sabugo, esses symptomas accentuaram-se por um modo, que principiou a dar cuidado. Viase que havia mais alguma coisa do que cansaço pela viagem. Os symptomas foram-se agravando, e quando foi da recepção de Anno Bom, em 1888, El-Rei estava muito prostrado, e só por um esforço poderoso de vontade conseguiu conservar-se em pé, correctamente apertado no seu uniforme. Mas a recepção já não foi feita na sala do throno, e sim nos aposentos particulares de Suas Magestades, tendo sido limitada ao corpo diplomático, pessoal do serviço regio, corte e poucas pessoas mais.

El-Rei melhorou depois d'isso alguma coisa; e, fortalecido com essas melhoras, pôde ir ao estrangeiro. O principio da viagem, que foi feito por mar, incommodou-o bastante; mas, depois de visitar a Exposição de Barcelona, proseguir por terra, e com tão boas disposições, que fatigou a sua comitiva. Sua Magestade era um viajante terrivelmente incansavel. E quando regressou a Lisboa, a surpresa foi tão grande como o contentamento. El-Rei vinha magnifico, e parecia inteiramente restabelecido e curado.

Passado, porém, algum tempo, reappareceram os fleimões, que foram os primeiras manifestações da doença, e que começaram no lado esquerdo, sob o braço, pouco nuns ou menos á altura do coração. Outros symptomas se seguiram. Viu-se então, que havia lesões organicas importantes. Mas a medicina, se as não julgava curáveis, não julgava de forma alguma que ellas dovessem determinar uma catatrophe, e n'um prazo curto. Poucos dias antes d'essa ultima crise, ainda os medicos mais auctorizados opinavam que El-Rei podia ter uma vida demorada, e até que era possível recuperar o movimento das pernas, que havia perdido em Cintra. Até ahí, se havia motivo para inquietações, não os havia para impressões pessimistas, e menos ainda para prognosticos funebres.

Foi ultimamente em Cintra, que se lhe aggravaram consideravelmente os padecimentos. No principio do verão, El-Rei começou a soffrer de dores sciaticas, ao passo que persistia em não cicatrizar uma ulcera, que tinha na região lombar. No principio de julho foi para Cintra, onde esperava encontrar alívios. Mas succedeu tristemente o contrario. Não obstante, ainda em 31 d'esse mez, anniversario do sr. infante D. Afonso, houve sarau no paço real em Cintra, que se prolongou até ás duas horas da madrugada, assistindo a todo elle Sua Magestade El-Rei, que conversou com a sua affabilidade acostumbrada, e com a variadissima erudição de que dispunha, com a maior parte das pessoas que se achavam na sala. Na auctorizava ainda aquellas impressões e aquellos prognosticos.

Infelizmente, o mal caminhou rapido. Estabeleceu-se a parolysis nas pernas, a qual, nos ultimos dias da sua residencia naquella villa começou a invadir a bexiga e o recto, sendo necessario extrair as urinas por meio de sonda. Capitulou-se então a doença como afecção da spinal-medulla. O estomago nos ultimos dias da residencia do augusto enfermo em Cintra só admitia alimentação licia.

Foi Sua Magestade transportado para Cascaes e ali experimentou bastantes melhoras. A parolysis rectal desapareceu, a da bexiga estava bastante attenuada e o estado geral melhorara a ponto do estomago já admitir canja e galinha. Uma ou outra vez tivera El-Rei deliquios passageiros, mas o seu espirito sempre se conservou perfeitamente claro e lucido. Informava-se de todos os negocios, discutia com os ministros sobre os assumptos de interesse geral, conversava em voz alguma tanto mais baixa que a habitual, lia jornaes e livros, ou dizia que lh'os lessem. Por isso mesmo, se procurou evit a publicação de noticias que podessem impressionar o enfermo, bem como só noticiava com muitas precauções a doença e morte do sr. infante D. Augusto. Sua Magestade sentia bastante cansaço em assignar os papeis submettidos ao seu exame.

No domingo 13 d'outubro a situação piorou porque o augusto enfermo começou a soffrer accessos febris. Segunda-feira teve maior accesso e caiu em profunda prostração, que bastante assustou a Família Real. Foram chamados a conferencia com o dr. Barros da Fonseca, os outros medicos da real camera, drs. Magalhães Coutinho, Ravara, Barbosa, D. Antonio de Lencastre e Oliveira Feijão. Todos concordaram em que o estado do illustre doente era muito grave, porque parecia manifestarem-se symptomas de absorção purulenta, proveniente da ulcera que resistira a todo o tratamento. Além de medicação energica interna foi cuidadosamente limpa e desinfectada a ulcera para evitar nova absorção de pus.

A enfermidade de El-Rei tinha sido capitulada como afecção da spinal-medulla, que se manifestava em estado sub-agudo. Se esta situação se mantivesse o enfermo poderia viver alguns mezes; se passasse ao estado chronico, como se esperava, a vida seria de annos, embora permencesse a parolysis das pernas. Poderia sobrevir

algum incidente intercorrente, aggravado pelo estado geral do enfermo, mas, enquanto não se manifestasse, não havia perigo immediato.

Infelizmente, sobreveiu esse incidente e do peor caracter: a infecção purulenta, que não pôde ser vencida. Os accessos febris complicaram, ou melhor, reveillaram, toda a gravidade do estado do real enfermo, considerando-se desde então a sua situação como desesperada.

A FAMÍLIA REAL.

A attitde da Família Real Portuguesa n'este transe tão doloroso [apesar de preparada para um desenlace fatal em vista dos terríveis progressos da doença] mereceu as mais nobres phrases de respeito e de veneração da parte de toda a imprensa portugueza.

Julgamos como um dever transcrever aqui algumas passagens mais caracteristicas d'alguns jornaes da capital. A ideia que o publico geralmente torma do que é uma corte, imaginando-a frivola, indifferente aos effectos que constituem a gloria dos simples, sem uma noção bem humana do que seja a Família, — encontra aqui um cabal desmentido, que é o maior titulo de gloria para a Família Real Portuguesa.

Escreve o *Tempo*, o jornal de que é director politico o sr. Carlos Lobo d'Avila, no seu numero de 16 de outubro findo:

Sua Magestade a Rainha tem sido verdadeiramente heroica, na dedicação incomparavel e na carinhosa solicitude com que tem acompanhado seu augusto esposo durante toda a sua penosa enfermidade.

Ha longos dias, ha mezes quasi, que a Rainha não recolhe aos seus aposentos, passando todas as noites a velar El-Rei, assistindo a todas as conferencias dos medicos, presenciando todos os curativos, tomando ella propria conta nas horas dos remedios o da alimentação, inventando, com um engenho que só pôde inspirar um raro e bondoso coração de mulher, todos os confortos, todas as commodidades, com que o seu divelo podia minorar os soffrimentos do augusto enfermo. Nunca houve enfermidade mais sollicita, mais intelligente, mais infatigavel, mais affectuosa e tambem mais energica.

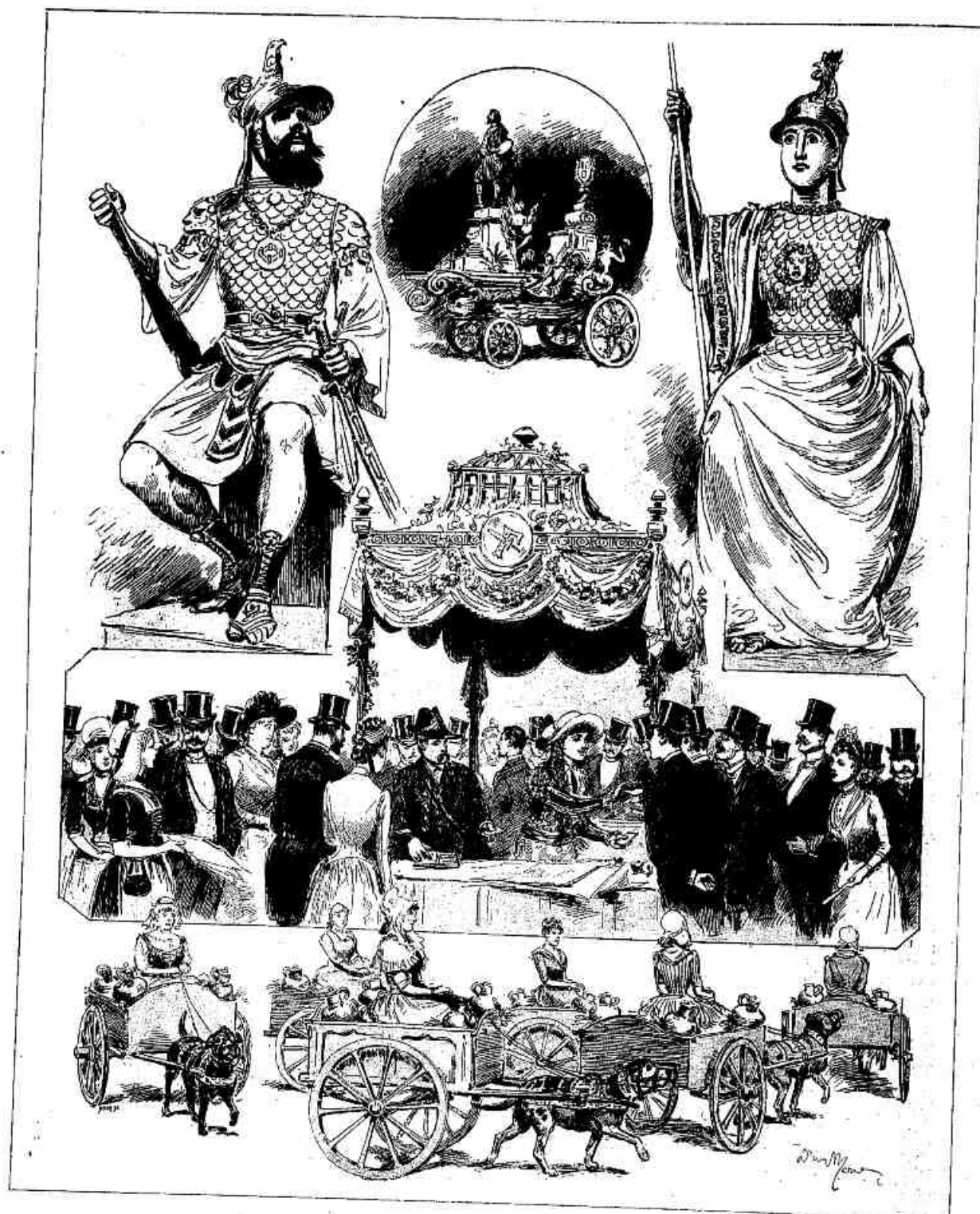
Informando-se de tudo, ouvindo as conferencias dos medicos portuguezes, lendo as consultas dos medicos estrangeiros, sabendo bem os perigos e a gravidade da molestia, a sua alma varonil, profundamente ferida, não succumbiu nunca. Luctou sempre, luctou até ao fim. E aquella patetica organização de mulher nervosa e delicada, teve rasgos de uma tal força de vontade, de uma tão superior coragem, que se impõe tanto ao nosso respeito, como á nossa admiração.

A Senhora D. Maria Pia tem acostumado o povo portuguez a venerar as suas peregrinas virtudes e a sua inexaurivel caridade. Bastava isso para ella ser sempre respeitada e querida n'este paiz, que a illustre princeza de Saboya soube tão bem converter na sua patria de adopção. Mas a maneira excepcionalissima como n'esta hora de tão fundas amarguras, a Rainha tem sabido desempenhar-se da sua dolorosa missão, aureolou de um novo e incomparavel prestigio a sua nobre figura.

El-Rei, no meio dos cruciantes soffrimentos que o affligem, deu ontem a sua augusta esposa, a sua carinhosa enfermeira, uma suprema e derradeira prova do seu affecto e da sua gratidão.

Diz os de se confessar, de receber a benção papal, e de supportar um violento curativo, El-Rei fitou a Rainha, que não abandonara a cabeceira do leito e, tomando-lhe as mãos, beijou-l'has estenuado.

Ouvimos descrever esta scena a um velho medico, a quem o espectáculo das dores e das desgraças humanas, deve ter endurecido o coração. Pois foi com os olhos marejados de lagrimas que elle nos contou, dizendo-nos que era indescritivel a expressão de agradecida ternura com que o semblante do rei, transmutado pela doença e sulcado pelo soffrimento, se illumina de um subito e pallido sorriso, em que se decerto a unica recompensa que ao coração da rainha pôde n'este momento ser grata e consoladora!



O gigante Drouot-Nimigon. — O gigante Drouot-Nimigon. — O gigante Drouot-Nimigon. — O kioskillo da Exposição. — Os carros dos leões flamengos.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A PRESSA DE PARIS-ANNUAIRE, NO PALÁCIO D'INDUSTRIA, ORGANIZADA PELO FIGARO.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — MEIOS DE LOCOMOÇÃO NO CAMPO DE MARTE.

Sua alteza real e o príncipe D. Carlos e o senhor infante D. Affonso tem sido também desvelados enfermeiros de seu augusto pai e mostraram-se verdadeiramente compungidos com o fato que os ameaça.

O príncipe real não sabe ha dias do paço de Cascaes, e tem sido o mais activo e dedicado collaborador da Rainha durante a doença de El-Rei. A afflicção em que o príncipe se encontra, dizem-n'o todos os que tiveram a honra de o vêr, é de veras commovente.

Sua alteza real a princeza D. Amelia, acha-se também muito affetada pelo estado grave em que se encontra El-Rei. E' salido que o senhor D. Luiz tem pela sua genti'l nora uma especial predilecção.

E foi lavada em lagrimas que a princeza entrou hontem (15) no paço de Cascaes. Não a esperavam ali o estado de gravidez, muito adiantado, em que a princeza se encontra, obrigara a retirar-se ha dias para o paço de Belem, e aconhecia a minter, se ali, sob pena de, em caso contrario, correr um grave risco. Ao receber, porém, as assustadoras noticias que hontem (15) chegaram de Cascaes, a princeza não se deteve com estas considerações, e partiu para ali no primeiro comboio, acompanhada da sua dama e do seu veador. As quatro horas, por exigencia dos medicos, sua alteza real regressou por mar a Belem. Vinha muito agitada e nervosa, revelando um sincero e profundo desgosto.

Escreve o *Dia*, de que é director politico o sr. Antonio Ennes, no seu numero de 15 d'outubro, no dia em que o *Diario do Governo* publicou o primeiro boletim dos medicos:

S. M. a Rainha tem sido uma enfermeira mais que desvelada, heroica, de seu esposo. Já não tem conto as noites a que se não recolhe a sua alcova. Apenas repousa, durante alguns momentos da noite no quarto d'El-Rei, por detrás de um biombo com que se oculta ás vistas do enfermo, para evitar que a sua presença constante o sobresalte.

No desempenho d'esta missão, a mais generosa e a mais angelica da mulher, desenvolveu uma energia viril. Só nos ultimos dias principiou a ceder ao cansaço, ao desalento e á dôr. Ha dois dias, recebendo uma pessoa da corte chegada do estrangeiro, debulhou-se em lagrimas quando teve que fallar do estado d'El-Rei.

Escreve o *Correio da Manhã* de 17 de outubro o seguinte commovido artigo, onde se advinha a penna do seu director Pinheiro Chagas:

A Rainha! Não se houve em Cascaes, por toda a parte, senão um côro de louvores á dedicação inextinguível, á coragem, aos sacrificios d'essa santa senhora! Não conhece o que seja descanso, não sabe ha muito o que é a cama, não sabe o que sejam os cuidados da sua propria saude!

Ha mezes que é a companheira inseparavel, a enfermeira constante de todas as horas de seu marido, e sempre com a sua gentileza senhoral e tranquilla como que lhe infunde animo e consolação. Nos breves dias que antecederam a morte de D. Augusto, tinha de fazer prodigios, para poder acudir a seu cunhado sem faltar aos desvellos costumeiros para com seu marido, sem lhe fazer suspirar sequer o drama que se desenrolava nas Necessidades! E dá-lhe Deus força para tudo isso, infunde n'aquelle vulto franzino e delicado toda a robustez legendaria e tradicional d'esses asperos montanhesez suby-nos que foram seus antepassados, e que forjaram com os seus potentes braços nas aguas das suas torrentes e no granito das suas serras a sua espada com que libertaram a Italia, e a coragem com que affrontaram os reveses!

A princeza quiz acompanhá-la na sua obra da dedicação, mas o seu estado não lhe permitte esses sacrificios; além d'isso está extremamente nervosa, e no dia 15, quando entrou no quarto de seu sogro, debulhou-se por tal forma em lagrimas que foi necessario que a obrigassem a voltar para o Paço de Belem.

Os dois filhos d'El-Rei, essas conservaram-se ao lado de sua mãe, que, sabendo ter esposa, como soubo ser Rainha, conserva n'aquelle quarto onde os desinfectantes m'i combatem as emanções da gangrena, aquella coragem simples que mostrou no Porto, que não atravessou silenciosa e meiga, as ruínas requemadas do teatro Baquet, que exhalava o cheiro nau-ebando da carne humana queimada, para ir levar os soccorros da sua bolsa e a consolação da sua presença ás viúvas chorosas e

desvaíadas, aos orphãos gementes que se lhe arrojavam aos pés, n'esses antros da miséria em que teve de penetrar.

OS ULTIMOS MOMENTOS D'EL-REI

A sua prolongada agonia excitava principalmente n'aquelles que o rodeavam uma piedade suprema. E' que se lia no seu rosto, quando a morte immobilizou nas suas feições a expressão ultima, o vestigio de padecimentos atrozes.

Foi uma noite lugubre a que passaram em torcendo leito do moribundo as pessoas que tinham obrigação de assistir á sua agonia. Elle agitava-se de vez em quando nas convulsões extremas, e que a consciencia o não abandonára parecia-se pelo modo como seguia as indicações dos medicos, pelo « obrigado » que murmurava frequenies vezes, pela ternura evidente com que apertava de vez em quando a mão da esposa.

A cubeceira do leito destacava-se aquella grande e tragica figura da rainha, immovel, serena, concentrando toda a sua vida nos seus infindaveis desvellos. Mais abaixo, quasi aos pés do leito, os dois príncipes. A luz vacillante projectava as grandes sombras, o silencio era quasi absoluto, e lá fora um pouco ao longe ouvia-se o murmurio eterno do mar.

Finalmente á 11 horas a agonia terminou, e a rainha, curvando-se sobre seu marido beijou-lhe muitas e repetidas vezes a mão inerte. E, lembrando-se logo dos seus deveres de rainha e de mãe, foi ella quem saudou a nova realza que se erguia, e ao filho que lhe beijava a mão, lançou com a benção maternal as tremulas palavras em que lhe desejava a felicidade e a força para poder cumprir os seus deveres de rei, como cumprira sempre os seus deveres de filho.

A scena era solemne, tinha um imponente caracter. Logo em seguida os assistentes beijaram, lavados em pranto, a mão do fallecido monarcha. Era a despedida suprema, e pelos rostos dos velhos, alguns dos quaes tinham combatido ainda nas luctas epicas da liberdade, corriam em fio as lagrimas ardentes. Então o cardeal patriarcha e o nuncio disseram na camera mortuaria as suas missas, a que assistiram todos os que tinham seguido desde o começo aquelle drama commovente...

A PROCLAMAÇÃO DE S. M. EL-REI D. CARLOS I.

Completemos agora estas noticias acerca da morte de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz I, com a proclamação que no mesmo dia da morte o novo rei de Portugal, S. M. El-Rei o sr. S. Carlos I, dirigio ao povo portuguez:

Portuguezes! Quz Deus pôr termo prematuro á vida de El-Rei D. Luiz I, meu augusto e muito amado pai, depois de um reinado de vinte e oito annos, que ficará assignalado na historia do paiz como um periodo de paz, de tolerancia e liberdade, de fecunda transformação nas leis fundametaes e organicas, e do mais amplo desenvolvimento moral e economico.

Em conformidade das instituições politicas da monarchia, sou chamado a presidir aos destinos do reino, e para o melhor desempenho dos deveres que me incumbem, dão-me força a traicção, que é legada pelo fallecido soberano, e a vocation com que o povo portuguez recorda a sua memoria e partilha commigo e com a familia real a dôr imensa que a todos nos punge.

Na mais fiel observancia das nossas instituições politicas, no esforgo incessante para levantar, quanto em mim caiba, a grandezza e prosperidade da minha patria, porci, como me cumpre, o mais acurado empenho. Por essa forma diligenciarei merecer tambem a affecção do povo, e seguir o exemplo do monarcha que tanto a soberba preder á sua pessoa, e que tão cedo foi arrebatado aos carinhos da sua familia e ao respeito e amor da nação inteira.

Apressando-me, pois, a dar cumprimento a um preceito da lei fundamental da monarchia:

Juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação, quanto em mim couber, e prometto ratificar em breve este juramento nas côrtes geras da nação portugueza.

Outrosim declaro, que me aprez que os actuaes ministros e secretarios d'estado continuem no exercicio das suas funções.

Paço, em 19 de outubro de 1889. — DOM CARLOS I. — José Luciano de Castro. — Francisco Antonio da Veiga Beirão. — Henrique de Barros Gomes. — José Joaquim de Castro. — Frederico Rissano Garcia. — Eduardo José Coelho.

NOTAS E IMPRESSÕES

A Natureza, dil-o a sciencia, é um barbaro sçougue, uma carnicina monstruosa. A selva d'uma planta é vampirizada no cadaver d'outra planta. Cada bicho tem por baixo um sepulcro. A flor que embalsama ou o fructo que ri, vivem de podridões, nutrem-se de morte. As succenas e cravos, jasmims e madresilvas, alimentam-se, como abutres, de assassinato e de rapina. Um lirio é um salteador, e um malmoquer um antropophago...

Mus qual é então o motivo por que, sabendo nós tudo isso, nos commovemos até á oração, nos enternecemos até á lagrima, diante d'essa canibalesca e sanguinaria Natureza? Porque é que um olhar azul de pavorico, orvalhado e tímido, nos deixa cá dentro o que quer que seja da sua candura natal? Porque é que uma manhã d'Abril alvoroçada, quando nos inunda de golfadas d'esperança? Porque é que o oiro melancholico d'um ocaso longinquo nos perfuma de religiosidade involuntaria, de tristeza sódrea, de mysticismo indefinivel? Como explicar esta intima contradicção inevitavel entre a sciencia e a consciencia? Eu, pela minha parte, não creio na realidade, creio no sonho. A Natureza, mysteriosa e creadora, aligura-se-me toda saturada d'amor, impregnada d'alma, alagada em Deus. Reverendo Pan, deite-me a sua benção!

Lembro-me ás vezes de que deve ser bem curioso a scena do meeting final no valle de Josaphat. Como evidentemente não pode haver corpos para todas as almas, dar-se-ha um caso extraordinario. Andarem espiritos em coiro, almas em pelote, á busca do corpo, roçando pragas...

A musica é a poesia incorporada. Ha sonatas de Beethoven que se me afiguram ser as melancholicas almas immortaes de grandes epopeias que morreram...

Os primeiros compassos do *Clair de Lune*, por exemplo, monotonos e plangentes, d'uma tristeza funda, impossivel, irremediavel, não nos dão a idéa d'um mundo extincto, amortilhado para sempre em silencio eterno, e sobre o qual estivessem cahindo, como as grossas gotas de trovoadas que alastram o chão, enormes lagrimas de luar, doloridas e rhythmicas, brancas e silentes?...

Civilizados conheço, que, para ferir um adversario, e muitas vezes um amigo, empregam o mesmo interesse caviloso do selvagem para matar um passaro. Envenenam a setta e despedem-na de longe para o ar, obliquamente, com toda a força. A setta vai subindo, chega lá cima, volta a ponta para baixo e cae perpendicularmente, mathematicamente, sobre a cabeça da victima desgracada. Ha n'este processo uma vantagem: se a victima se queixa, a evasiva é simples: — *Atirei ás nuvens*...

Ha um inconveniente: é que, descoberto o ardil, ainda a setta vai no ar, e já quem a lançou tem um grande gallo na testa. A linha recta, que diabo! chega primeiro.

MORTE DE S. A. O SR. INFANTE D. AUGUSTO

QUER o acaso que tenhamos de reunir no mesmo numero da Illustração, o retrato do fallecido monarcha, e o retrato de seu irmão S. A. o sr. D. Augusto — fallecido no dia 26 de setembro findo, no Paço das Necessidades. Os dois irmãos, os dois ultimos filhos da senhora D. Maria II, falleceram com 24 dias d'intervallo um do outro.

O sr. Infante D. Augusto achava-se em Coimbra, e sentio-se ali ligeiramente indisposto. Voltou para o Paço das Necessidades no dia 21 de setembro. Fez a viagem sem grande incommodo. Mas dois dias depois sentio-se peor, com oppressão no peito e uma tosse continua que muito o affligia. Sobrevieram-lhe vomitos de sangue, que o deixaram prostrado.

Desde esse momento, o seu estado principiou a inspirar receios. Os medicos que lhe assistiram, que eram os Drs. Barron da Fonseca, Rava e Sousa Martins, applicaram-lhe causticos energicos no peito. Melhorou um pouco o doente da ansiedade que sentia na respiração, mas sobreveio-lhe uma inflammção de bexiga resultante dos causticos.

O seu soffrimento era então o mais doloroso. Depois a lesão curiosa de que já padecia agravou-se. Os medicos perderam n'esse momento toda a esperanza de salvar a vida ao augusto enfermo.

Passado o estado de prostração em que ficou depois do vomito de sangue, sua alteza mostrou-se muito agitado, não se conservando por muito tempo na mesma posição, e ora deitado no leito, ora sentado numa poltrona, via-se que era grande o seu soffrimento.

A 1 hora e meia da madrugada de 24 os medicos applicaram-lhe inhalações de oxigenio. O doente, que então estava na poltrona, pareceu que sentiu algum allivio. Foi infelizmente uma esperanza muito fugitiva. Passado pouco tempo, começou o delirio e a cada momento se levantava, proferindo palavras desconexas, repetindo ás pessoas que o cercavam: — Vamos embora! Adeus! Vamos depressa!

Tinha chegado o momento fatal. O enfermo caiu no estado comatoso, mas sem grande agonia.

O dr. Rava fez então applicação de todos os recursos que a sciencia indica n'aquelles casos extremos, e vendo que eram absolutamente infructuosos todos os meios para prolongar a existencia do moribundo, mandou chamar o capellão de honreiros 2, que substituiu o capellão da casa, que estava doente, e foi ministrada a sua Alteza a extrema uncção.

As 4 horas e meia da madrugada era cadaver.

Sua Alteza o sr. Infante D. Augusto, de nome Augusto Maria Fernando Carlos Miguel Gabriel Raphael Agostão Francisco de Assis Gonzaga Pedro de Alcântara Loyola de Bragança e Bourbon, duque de Coimbra e de Saxe Coburgo Gotha, nasceu em Lisboa no real Paço das Necessidades no dia 4 de novembro de 1847, pela uma hora e cinco minutos da tarde, e foi baptizado na capella do real Paço das Necessidades a 2 de dezembro do mesmo anno, pelas 5 horas da tarde.

Foram seus padrinhos sua alteza real o principe Augusto Luiz Victor, duque de Saxe Coburgo Gotha, tio paterno, representado com procuração bastante por sua alteza o principe real D. Pedro de Alcântara, e sua alteza real a princeza D. Clementina Carolina Leopoldina Clotilde duquesa de Saxe Coburgo Gotha, representada com procuração bastante por sua alteza real a serenissima senhora Infanta D. Isabel Maria. Foi celebrante o sr. cardinal patriarcha de Lisboa, D. Guilherme Henrique de Carvalho.

Em 1855 começou sua alteza o sr. Infante D. Augusto os seus estudos e em 15 de janeiro de 1857, o abalado professor Francisco Antonio Martins Bastos, já fallecido, tomava-lhe a primeira lição de grammatica latina.

N'este anno andavam em obras o palacio das Necessidades, e tão adiantada, que no dia 27 de novembro os senhores Infantes D. João, D. Fernando e D. Augusto, passaram dos quartos das camaristas, que então occupavam, para o extincto convento das Necessidades, ficando o senhor Infante D. Augusto no terceiro dormitório, junto da capella.

Em outubro de 1861 começou o senhor Infante D. Augusto a estar doente, chegando a dar grandes culda-

dos a seus angustios paes e irmãos, e tão grave era a sua enfermidade, que, no dia 4 de novembro, anniversario do seu nascimento, não saiu da quarto.

A 27 de novembro do mesmo anno falleceu El-Rei D. Pedro V, e era tal o estado de sua alteza o senhor Infante D. Augusto, que este triste acontecimento lhe foi occulto, sendo por isso no dia seguinte, 28, transportado do convento das Necessidades para o paço de Balen, em carruagem fechada, com o seu fiel e zelosissimo amigo o conselheiro Manuel Moreira Coelho, alojando-o nos quartas chamadas — Arrabida — por ter ali havido, nos tempos antigos, um hospital de religiosos Arrabidas.

A duença de sua alteza augmentava progressivamente, até que, em 27 de novembro, na fulgida ser o ultimo dia da sua vida.

Assim continuou o anno de 1861, e, como não houvessem melhorias sensiveis, no 1.º de janeiro de 1862 foi determinanda que o senhor Infante D. Augusto usasse do real Paço de Balen para casa do cavalheiro Villalobos, no paço da Lumiar.

Aparente de estar este dia de nevoa e humido, effectivamente se mudou, pelas 11 horas da manhã, assistido de dr. Francisco Antonio Barreal e outros facultativos da real camara a este acto. Sua alteza saiu, aquella hora, do seu quarto, em uma cadeira de duas rodas, muito bem abafada, e d'este modo atravessou o jardim da Arrabida e passou das escadas do Paço, sendo então levada a cadeira em uma varzea, a que pegou em criados, para isto destinados: depois das maiores precauções entrou em uma carruagem, bem fechada, que estava premissa na estrada do palacio de Balen, da parte da calçada da Ajuda. Com sua alteza entraram na mesma carruagem o seu alio o conselheiro Manuel Moreira Coelho e o dr. Francisco Antonio Barreal, medico da real camara.

Esta mudança foi em extremo benfica para a saúde de sua alteza, e de tal modo, que no dia 15 de janeiro do mesmo anno de 1862, saiu pela primeira vez, com o conselheiro Moreira, em carruagem fechada, continuando sempre em progressivas melhoras.

Continuou, pois, o sr. Infante D. Augusto a residir no Paço da Lumiar e na mesma casa do cavalheiro Villalobos. Como perguntasse muitas vezes por El-Rei D. Pedro V e pelo Infante D. João, ignorando que houvessem fallecido, e este segredo se tivesse conservado até ao dia 22 de março d'aquelle anno, julgaram os que o rodeavam de absoluta necessidade descobri-lo o que se fez, havendo o conselheiro Moreira disposto de antemão tudo, de sorte que estes golpes não se tornassem fataes a sua alteza, que, ao recebê-los, sentiu com effeito a vellecidade da dór, que a presença de seus angustios paes e irmãos soube mitigar.

O sr. D. Luiz, para melhor animar e consolar o sr. Infante D. Augusto, nomeou capitão do regimento de lanceiros, de que se lhe passou carta regia em 17 de março de 1862, e de que havia sido coronel o sr. Infante D. João.

Continuando as melhoras de sua alteza, no dia 21 de abril d'aquelle anno cantou-se por musica um solenne Te-Deum, em acção de graças, ordenado pelo corpo de artilheria, que convidou suas magaes, a quem assistiram a este acto religioso.

No mesmo dia, no Paço da Lumiar, cumpriu o sr. Infante D. Augusto o preceito quadragesimal, recebendo das mãos do conego Moraes Cardoso, com quem se tinha confestado, a Sigrada Eucharistia, sendo esta a primeira communhão da sua alteza.

Estando já restabelecido da sua perigosissima enfermidade, recolheu-se o sr. Infante D. Augusto ao real paço da Ajuda, no dia 17 de maio de 1862, pelas 2 horas da tarde, reconhecendo no dia 24 do mesmo mez as suas lções com os professores Antonio Manuel da Fonseca, de pintura, Antonio José Colli's Guimarães, de calligraphia, Manuel Innocencio dos Santos, de musica, Francisco Antonio Martins Bastos, de portuguez e latim, Antonio José Viale, de logica, e outros.

No dia 6 de julho celebrou a camara municipal dos Olivares um sollemnissimo Te-Deum em acção de graças pelo restabelecimento da saúde de sua alteza, na egreja parochial de São João Baptista da Lumiar, recebendo por essa occasião o cavalheiro Villalobos, em casa de quem o sr. Infante D. Augusto havia estado, o titulo de visconde do Paço da Lumiar.

Desde então sua alteza o sr. Infante D. Augusto, concluida a sua educação, entregou-se ao estudo da arma de cavallaria, que constituiu a sua especial predilecção e onde prestou, como inspector geral, servicos importantissimos.

O sr. Infante D. Augusto alistou-se no exercito em 22 de agosto de 1855, com 8 annos de idade, no regimento de infantaria 10, sendo-lhe concedido o posto de alferes; foi promovido a tenente, para o mesmo

regimento, em 15 de abril de 1858, a capitão para cavallaria no 2.º, lanceiros da rainha, em 17 de março de 1862, a maior em 29 de outubro de 1863, a tenente coronel em 31 de outubro de 1869, a general de brigada em 9 de junho de 1870 e a general de divisão em 16 de agosto de 1883, sendo nomeado inspector geral da arma de cavallaria por carta regia de 31 de outubro de 1882.

Por carta regia de 29 de setembro de 1871 foi mandado o sr. Infante D. Augusto apresentar-se ao governador geral da India, a fim de ali se entregar ao servico que as circumstancias exigissem, por se ter offerecido para acompanhar a Gila a batallião de caçadores n.º 1, que foi enviado á India por causa d'uma revolta militar que ali houve.

Na tarde de 12 de novembro de 1871 embarcou sua alteza no pequeno ingles *Nem*, juntamente com o novo governador geral, o general Joaquim José de Macedo e Castro, que foi substituir o sr. visconde de S. Januario no governo da India.

No dia 10 de dezembro desembarcaram em Gila, juntamente com o batallião expedicionario, soffocando o pouco Japés a revolta.

Durante a sua permanencia em Gila, onde se demonstrou perito de tres mexas e meio, tendo sido a sua residência em Pangim, no palacio do governo, fez o sr. D. Augusto d'ali visitas ás comarcas de Salsete e Bardez, onde foi entusiasmaticamente recebido.

Pelos fins de março de 1872 partiu sua alteza de Gila, por Bombaim, em direcção a Portugal, no transporte *India*, que trazia, tambem, a bordo o batallião de caçadores n.º 1, e que chegou a Lisboa ás 3 horas da tarde do 1.º de maio.

Com as notas officiaes que o sr. D. Augusto cumpriu o servico com muito proveito do *Estado*, porque, ao muito respeito e amor das povos da India pela angustia pessoa da sua alteza, se deve attribuir a solução pacifica da reforma escurada. Neste transito, o sr. Infante D. Augusto mostrou em todas as occasões que se lhe facultar, um verdadeiro amor cívico, sempre conducente a apoiar o principio da autoridade nacional, e que muito fortaleceu as disposições ordenadas pelo governador geral da India.

Ultimamente havia sido nomeado presidente do conselho de presidentes dos jurys da Exposição Industrial portugueza, logar que preschoeu com a maxima solicitude, fazendo reunir no palacio das Necessidades os membros d'aquella commissão, e tomando parte activa nos trabalhos, até que a duença o prostrou.

O caracter de S. A. o sr. D. Augusto achase primorosamente traçado nas seguintes linhas, devidas á pena do brilhante jornalista sr. Antonio Ennes:

Viria feliz na modestia relativa da sua posição, sem a menor velicidade de fazer sombra, de angariar honrarias, de pesar ou infligir nos negocios politicos. Descejava, todavia, ser util. Tinha gosto pelas coisas militares, e cumpria escripturadamente os deveres dos seus cargos. Se lhe pediam algum servico publico, sacrificava de boa mente commodos e eguallos para o prestar, e lá ia, lutando ás vezes com os seus achaques physicos, á India ou a Berlim, assistir a umas manobras ou presidir a uma corporação. Era bom, simples e timido. Não tinha o coração indolente para os affectos. Para os officiaes com quem lidava era um camarada despretencioso. Repartia por todos a sua bondomia franca e jovial. Hom admiralizador dos seus lens, nem por isso falava com a esmola á miseria; distribuía beneficios e não mandava tocar trombetas para chamar espectadores á distribuição. Rodou seu paço de catallhos até á hora da morte, e amou-o no que elle amava. Em somma, era um bom caracter, lavado por equal dos despeitos da subalternidade e dos orgulhos da superioridade social. Estava contente com a sua sorte, o que é uma virtude n'estes tempos em que todos se julgam roubados pelo destino e lesados pela sociedade, e gozava a sem prejudicar nem offender ninguém, só deia suaves recordações á sua familia, a cujo pesar todo o paço se associou, prestando mais uma vez homenagem, com o seu luto, á memoria de D. Maria II, que tão excellente educação moral deu a todos os filhos, que nem um por os pôs fora da senda da honra, e nem um couteu ainda uma lagrima ao povo, sendo na morte!

A ILUSTRAÇÃO 3 VEZES POR MEZ

Continuamos a receber todos os dias dezenas de cartas e bilhetes postaes dos nossos assignados de Portugal. Todos querem a ILUSTRAÇÃO tres vezes por mez!

No proximo numero daremos extractos d'algumas das cartas que temos recebido São eloquentes provas das sympathias que a ILUSTRAÇÃO tem encontrado em todo o Portugal.



SUA MAJESTADE A SENHORA DONA MARIA PIA.



SUA ALTEZA, O SR. INFANTE D AUGUSTO
FALANDO NO DIA 25 DE SETEMBRO.



LISBOA. — O PALACIO DAS NECESSARIAS, ONDE NASceu EL-REI O SR. D. LUIS I.



A TRAVÉZ DE PARIS

A entrevista. — Pontos negros. — Uma grava resolução. — Paz ou guerra? — O Dr. Ricord. — Da influência da Vaga nos costumes. — Métra em Lisboa. — A festa do Figaro. — Impressões confusas. — O Moulin Rouge.

O ACONTECIMENTO culminante, como quem diz, o chiboraxe do noticiário durante a quinquena linda — foi a visita tantas vezes desmentida do Czar Alexandre a Coquelin aind. Ha mais de tres mezes que a Europa aguardava com ansiedade o encontro d'estes dois potentados. Presentia-se — e n'esse ponto com toda a razão — que alguma coisa de grave resultaria de tal entrevista, mas ninguém se atrevia a afirmar que ella viria a realisar-se. Coquelin, de verdade, visitara o imperador do Norte na sua capital havia já bastante tempo; este devia-lhe portanto uma visita, segundo as leis mais elementares da pragmatica entre soberanos, mas essa visita soffrera tantos e tão repetidos adiamentos que se poderia recar que o monarca russo, escutando só os seus resentimentos pessoais, acabasse por se resolver definitivamente a não vir.

Esta demora, combinada com a noticia espalhada adrede em certos circulos de ordinario bem informados, de pretendidos armamentos de Coquelin e de uma concentração de forças na sua fronteira, já de si não bem defendida pela natureza, lançara a Bolsa n'um estado de perturbação de que só a veiu arrancar a communicação official da vinda do czar. O urso do norte resolvera-se em fim a sair do seu entro e a vir saudar a aguiça occidental.

Os que conhecem de perto Coquelin nunca duvidaram um momento de que a entrevista se realisasse. Frio e tranqüillo como sempre, o aspecto de Coquelin infundia a confiança no circulo que o rodeia: — Eu fui visitado, dizia elle por vezes aos mais intimos da sua corte; elle ha de cá vir!

E veio! A entrevista entre os dois poderosos monarchas teve logir nos proprios aposentos de Coquelin. Este, por intermedio da sua diplomacia, propozera que se realisasse antes n'uma jangala sobre o Sena para fazer *pendant* na historia com a do Niemem; mas o czar, não se sube porque razões, recusou-se a acceptar este alvitre e foi como disse, no *famoir* de Coquelin, que os dois potentados se avistaram.

O colloquio foi naturalmente trío. Os interesses das duas potencias são tão antagonicos, ha entre elles uma tão profunda rivalidade, que se não podia esperar que uma simple entrevista ditada pela etiqueta, produzisse o que não tem conseguido durante longos annos uma habil e subtil diplomacia. O czar não pôde ver com bons olhos os progressos do pan-coquelinismo não só na península dos Balcões, como tambem na plateia superior. Por outro lado Coquelin não pode perdur ao czar o seu afastamento da triple alliança, constituida por elle, por Coquelin Cadet e por Jean Coquelin, o joven monarcha tão esperanças. Os dois soberanos separaram-se sem que do seu encontro se podesse apurar o mais pequeno symptoma tranquilizador para a paz europea.

Despetado por não haver podido atrahir o imperador slavo a politica pan-coquelinista, o soberano occidental por um d'aquelles *coups de tête* que lhe são familiares, tomou a grave resolução de voltar para a *Comédie-Française*, da

qual se desligara com fracasso ha annos a esta parte, dando logar a um tão formidavel ebulo na Europa, como de certo os leitores se recordam. Este recente avator da sua politica offerece-se cheio de um negro e profundo desconhecido, e já symptomes inquietadores, verdadeiros pontos negros, como se dizia no fim do imperio, se commegam a manifestar. A leste, Got retrai-se; ao sul Mounet-Sully agita-se. Pela sua parte, silencioso e enigmatico como sempre, Le Bargy prosegue nos seus mysteriosos armamentos. Que sahirá d'aqui na primavera proxima?

O celebre dr. Ricord e Olivier Métra, o author da *Vaga*, falleceram no mesmo dia por uma singular coincidência. Durante bastantes annos as walsas de Métra foram accusadas de fornecer a Ricord uma grande parte da sua clientela. Não sei ate que ponto aquellas melodiosas elocubrações a tres tempos mereciam essa desagradavel suspeita, mas imagino que lhes adveio da circumstancia de haverem sido executadas durante muito tempo no Mabillo onde a batura de Métra conduzia a ronda descabellada do Pecado, sob o segundo imperio. O Mabillo era como se sabe um sítio perverso onde uma walsa, sobretudo ainda nova, se não podia mostrar sem ficar compromettida.

Ricord, apesar de ter visto durante 70 annos a humanidade pelas suas mais ominosas espectos, conseguiu guardar até o ultimo alento um bom humor inalteravel e uma jovialidade do melhor quilate. Ninguém com mais razões do que elle poderia ter pela *bête-humaine*, como diria Zola, não o desprezo; em vez d'isso era um bemfeitor e um compadecido. Muitos dos que leem estas linhas e que conheceram Ricord de mais perto do que talvez desejassem, vão de certo saber a noticia da sua morte com verdadeira tristeza.

Quando a Métra, esse, morreu mais nonagenario ainda de que Ricord, porque dos seus 58 annos de fôrma parisiense, ao p'lo menos dizem contar-se pelo dobro como os de companhia.

Não havia festa possível sem elle; a sua batuta tinha alguma coisa de electrico e de endiabrado que se communicava á turba e a fazia rodopiar com um frenesi especial. Os departamentos, os graves e sizados departamentos, quando sentiam pruridos de folia, mandavam vir Métra para os p'orraliações necessarias. Métra surgia no estrado e agitava o seu bastão de marcial da walsa; os departamentos deliravam immediatamente. Era necessario segural-os para os impedir de fazer voltes.

A unica terra onde Métra não produziu os seus habituaes effeitos, foi Lisboa. Ah! tomaram-n'o o serio e bombardearam-n'o regente de concertos quasi classicos. Métra bem os queria fazer dançar, aos bons lisboetas, e de vez em quando entre uma fuga de Bach e uma toasta de Beethoven introduzia-lhes uma das suas walsas a espumar Champagne, embriaguez, e loucura. Mas os bons lisboetas não se mexiam, a walsa deixava-n'os, tímidos, atados, embora o olho lhes luzisse. Métra teve de se ir embora, levando ao menos de Lisboa a recordação de que fora a unica terra d'esse mundo onde lhe fora permitido reger — a serio — uma partitura de Beethoven.

Métra não se occupava apenas de fazer dançar os outros. Dançava elle tambem por sua propria conta e isto não foi extranho á sua morte. *Il s'en était fourré jusque là, jusque là!* como se conta na *Vida Parisiense*. Pobre mestre!

Se 29,999 pessoas se não tivessem opposito d'um modo cathetico e formal a que eu me divertisse na festa do *Figaro* em favor das victimas de Anvers, eu estaria agora cheio de impressões deliciosas que me apressaria a transmitir-lhes. Mas desde o momento em que 30 mil bemfeitores se agglomeraram dentro d'um

recinto que poderia rasoavelmente conter 15 mil, não houve mais praxer possível. A turba formava blocos absolutamente impenetraveis, e era em grupos de cinco a seis mil que uma pessoa podia circular. Junto-se a isto um calor soffocante e os hediondos contactos e os perfumes d'um aperto que durou quatro horas, e digam-me se o archbispo de Paris tem razão em fulminar pastores indignados contra a caridade que se exerce por meio de festas e de bailes. Mas a caridade assim exercida é dez vezes meritória, porque se complica d'um sacrificio corporal que não pôde deixar de aproveitar consideravelmente á salvação das nossas almas!

Não lhes descrevo o aspecto da enorme nave do palacio de Industria, porque é simplesmente indescriptivel. O palacio das machinas, á hora em que os seus milhares de monstros de aço bracejam e resfolegam ao mesmo tempo, e em que cem mil pessoas circulam pelas suas avenidas, não é mais ruidoso nem mais movimentado. Imaginem vinte ou trinta espectaculos simultaneos, pantomimas, monologos, recitações, *boniments* de feira, cânticos cantados por centenas de vozes, orquestras gritando por centenas de instrumentos, carroses virgínicos de velocipedes e de cavalinhos, rodopiando com furia, o talar de rolhas de champagne, vozes agudas de mulheres, interpellando o publico, e acima de tudo isto, o *brahaha* da turba envolvendo o immenso recinto n'uma especie de bruma sonora que fluctua por toda a parte, e formava a *basse* de todos os outros clamores.

Em kiosques disseminados pela nave, as mais bonitas actrizes de Paris vendiam charutos, bonbons, photographias por preços insensatos, vestiam trajos de phantasia e eram algumas d'ellas positivamente adoraveis.

Tomel nota d'uma hungara, d'uma hespanhola, e d'uma japoneza, com as quaes eu me contentaria para o resto dos meus dias, cedendo desde já de todas as pretensões a qualquer outra nacionalidade. A hungara sobre tudo, com o seu *schabrak* de pelles, o seu *dolman* sobre o hombro, as suas botas altas de maroquim escafile, era um amor de hungara, um *bijou* sem preço, em frente do qual se formou duran e toda a noite um circulo compacto de boccas abertas e olhos arregalados.

La-me esquecendo annunciar-lhes a inauguração do *Moinho Vermelho*, que se propõe a ser uma especie de Bullier da margem direita. Nada tem de particular esta sala de baile publico, a não ser um verdadeiro moinho que lhe serve de fachada e que braceja durante a noite a cruz de Malta das suas quatro enormes velas, todas guarnecidas de lampadas electricas e escafileas que lhe dão um aspecto bem singular.

No mais, é sempre a mesma coisa. A *Goulue* o o seu interessante par, *Valentin-o-desossado* entregam-se lá a idyllios coreographicos que nada tem de commun com as honestas contradições de familia. Faz-se roda em volta d'estas duas summidades do cancan, e applaude-se com delirio quando a celebre *diva* do *pinote* e do *grand écart* submete ao nariz d'alguem inglez impassivel e de binoculo a tiracolo, a ponta do seu pé que o outro approva gravemente. Assim se passa o tempo, com innocencia e serenidade, e quando não é assim, é a dur passeios em burros brancos n'um picadeiro contiguo ao salão, ou a tomar bocks no jardim, onde os Eneias e os Didos da vida alegre encontram grutas propicias, forradas de alfombrado. Aqui interrompe o leitor, todo feliz de poder collocar a sua citação latina: — *Et summo ulularum vertice nimpha!* Pois es á enganado, leitor amigo. As nimphas do *Moulin rouge* não ululam nunca. Ja não ha positivamente nada que as faça ulular.



AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

AS FESTAS DE PARIS-ANVERS

O NOSSO brilhante collaborador *Giery*, cujos chronicles tão apreciadas tem sido pelos leitores da *ILUSTRAÇÃO*, — alude no seu artigo de hoje ás festas que se realisaram nos dias 19 e 20 d'outubro findo no Palacio d'Industria, em benefício das victimas da terrivel explosão d'Anvers.

Essas festas que na noite de 19 chamaram ao Palacio d'Industria para cima de 30.000 pessoas, foram organisadas pelo *Figaro*, e principalmente pelo seu redactor *Parisien*, Emile Blavet, o notavel chronista da folha parisienne, — sob a protecção de Madame Carnot e de S. M. o rei dos Belgas.

O Palacio d'Industria foi transformado numa velha cidade flamenga — uma admiravel reprodução scenographica da velha Antuerpia. Para mais caracter dar á festa, trouxe-se d'Anvers o famoso gigante Druon-Antigon e sua esposa, que foram modelados em 1535 pelo pintor Pieter van Aelst. Este gigante, diz a lenda, acotivava, esfolava e metava todos os navegadores que podia apanhar nas margens do Escut, tendo especialmente o capricho de cortar a todos elles a mão direita, que doitava ao rio. Segundo a lenda, é d'este feroz gigante que vem o nome de *Antwerpen*. O celebre Salvius Brabo, 24.º rei dos Tongres, casado com uma prima de Julio Cesar, desafiou o gigante para um duello, venceu-o, e como castigo cortou-lhe a mão direita. Foi esta horrifica personagem e sua descomunal esposa que os parisienenses puderam admirar no Palacio d'Industria; assim como o soberbo carro allegorico de Rubens, que tambem veio expressamente d'Anvers para adornar o palacio.

Na *Kermesse*, os kiosques de venda, os jogos, os carros das leiteiras flamengas, as barracas, os bufetes, tudo estava confiado ás mais lindas actrizes de Paris. Jeanne Granier, a famosa cantora d'opere, chegou a vender taças de Champagne, a quarenta libras (1.200 francos) cada taça!... Os millionarios mostraram-se generosos, e a receita foi colossal.

O nosso collaborador Adrien Marie encarega-se de nos mostrar varios aspectos d'essa festa que ficará memoravel entre as festas do anno de 1889.

OS VENDEDORES DE BILHETES

A scena representa o aspecto d'uma porta da Exposição de Paris, proxima da galeria das machinas, á hora de maior affluencia do publico, e quando os visitantes são assaltados pelo bando dos vendedores de bilhetes, uns offerecendo entradas a 80, outros a 70, outros á 65 centimos. Scena bem curiosa, algumas vezes insuportavel, que vai acabar d'aqui a dois dias, mas que todos quantos vieram a Paris guardarão de memoria, como um dos detalhes pittorescos da assombrosa Exposição que maravilhoso o mundo inteiro.

OS PAVILHÕES EXTRANGEIROS

A immensa quantidade de assumpto que nos invade de todos os lados, obriga-nos a sermos hoje excessivamente concisos nos nossos artigos sobre a exposição; assim como o doloroso assumpto que a todos nos enluta nos obriga a pôr do parte sete deliciosos *croquis* representando varios pavilhões estrangeiros do Campo de Marte. Appreçerão em números seguintes.

Hoje limitamo-nos a mostrar aos nossos leitores o exterior do pavilhão do Chili, construção d'estylo moderno, feita de ferro, tijolo e crystal; — e o lindo pavilhão de Venezuela — erguendo as fuchudas brancas, graciosamente contornadas e os seus *pi-goons* moldados no *estilo hispanhol* — Luiz XV da convenção — que lhe dá o aspecto d'um *babu flamengo* do seculo passado. Os frisos são carregados

d'ornamentação, as janellas encantadoras de firmamentos e de detalhes, e a porta principal diz-nos que lembra a entrada da cathedra de Caracas; — que, a julgar pela amostra, deve ser uma cathedra bem divertida!

MEIOS DE LOCOMOÇÃO NO CAMPO DE MARTE

O nosso collaborador Parys, que já nos desenhava o interior do pavilhão portuguez do qual d'Orsay — mostra-nos hoje um aspecto do Campo de Marte, com os *fautouils* de rodas, os carrinhos puxados por annamitas, e os burros do Egypto, que constituíram a alegria das parisienenses.

Ao fundo da gravura vêem-se as grandes linhas dos arcos da torre Eiffel, e entre os dois tules d'arvores, o pavilhão da Companhia do gaz.

Aquelles que tiveram a felicidade de vir a Paris poderão dizer por nós se a scena é ou não é das mais exactas e das mais bem reproduzidas.

AVISO AOS LEITORES

O presente numero da *ILUSTRAÇÃO* coincide com a vesperta do ultimo dia da grande Exposição Universal de Paris.

Muitos dos nossos leitores, principalmente as centenas dos que se inscreveram este anno como assignantes por causa de gravuras da Exposição, — poderão julgar que terminamos com este numero, ou no proximo, a série d'essas gravuras, attendendo á que a Exposição fechou.

É um erro. A *ILUSTRAÇÃO* tem de parte muitas gravuras e artigos que continuarão saindo regularmente em todos os numeros, como até hoje, com este titulo:

RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS



TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO
Adiantado, Suavizante, Lavável
PREPARADO POR VIOLETT
28, Boulevard des Capucines, PARIS



A REVISTA DAS REVISTAS

O PREMIO FERREIRA

O S jornaes portuguezes e francezes fallaram em tempo, antes da abertura da Exposição de Paris, de um premio de 50.000 francos (*noventa e seis mil*) offerecido por um rico portuguez, o dr. Alves Ferreira, ao expositur portuguez que mais se distinguisse no Campo de Marte.

Apenas teve conhecimento do premio, o sr. visconde de Melicio aconselhou o illustre patriota a fazer entrega do premio á Associação Industrial, e a dividi-lo em premios mais pequenos, para contentar muitos expositores ao mesmo tempo! Não o entendeu assim o dr. Alves Ferreira, que esperou o fim da exposição, e os resultados dos jurys inter-nacionais, para então se decidir sobre este ou aquelle expositur.

Mas deu-se um caso que deixou o doador em grave embaraço. Um portuguez havia, que não tinha um *grand prix* (suprema distincção dos jurys) mas que se tinha distinguido d'um modo notavel e tanto tinha contribuido para o bom nome da sua terra — que seria injusto não pensar n'elle. Esse portuguez — era Bortallo Pinheiro.

Para resolver difficuldades e ficar com a consciencia tranquilla, o dr. Alves Ferreira resolveu consultar sobre o assumpto os commissarios portuguezes do pavilhão do Quai d'Orsay.

Para este fim se reuniram na segunda feira, 14 d'outubro, na sala do *comité* os srs. Gerardo Augusto Pery, Carlos Pinto Coelho de Castro, Luiz d'Andrade Corvo, visconde d'Azevedo Ferreira, Camillo de Moraes e Mariano Pina.

A's 3 horas da tarde chegou o dr. Alves Ferreira, a quem foi dada a presidencia d'esta reunião. O dr. Ferreira expôs em poucas palavras a razão do seu premio de 50.000 francos: — Havia estado na exposição de Aovers e de Barcelona; vira a triste figura que ali havia feito o seu paiz; e como patriota sincero para estimular os industriaes e artistas da sua terra, seguindo o exemplo d'um cidadão

frances que havia dado 100.000 francos para o expositur francez que mais se distinguisse em 1881, elle dava um premio de 50.000 francos ao portuguez que mais se distinguisse na Exposição Universal.

Pedia ao sr. Berger a lista dos portuguezes mais premiados. E n'essa lista de *Grand-Prix*, além do sr. José Galache (azeite) e da Lign dos lavradores do Douro, — só encontrava com essa recompensa ou estabelecimentos do estado, ou corporações officiaes que não poderiam concorrer, por não ser esse o espirito da sua doação. Tinha portanto pensado dividir o seu premio em dois premios de 25.000 francos, e dar um ao sr. Galache, e o outro á Lign do Douro. E pedia sobre o assumpto a opinião dos commissarios presentes.

Os srs. visconde d'Azevedo Ferreira e Camillo de Moraes disseram que se algum devia ser contemplado, ninguem mais no caso do sr. Bortallo Pinheiro a quem se deve o successo da nossa exposição.

O sr. Pinto Coelho chamou a attenção do dr. Ferreira para a importante collaboração de Bortallo Pinheiro ao pavilhão portuguez do Quai d'Orsay; e explicou como foi que as suas fanyanças tendo obtido 20 valores dos jurados, o que dava direito a *grand-prix*, não obtiveram essa distincção do jury superior — sendo o unico responsavel d'esta falta o jurado portuguez da respectiva classe. E explicou cabalmente como nos jurys superiores estas faltas se podiam dar, quando não houvesse grande actividade da parte do jurado de cada paiz.

O sr. Gerardo Augusto Pery, que por tantas vezes, no decurso d'esta exposição, tem dado provas d'uma alta competencia para vencer as mil difficuldades e attritos que se tem levantado entre as duas secções portuguezas, — mostrou qual havia sido a notavel collaboração de Bortallo Pinheiro para o successo da nossa exposição agricola e colonial. E considerou como grande justiça incluir o artista n'este premio, — terminando por felicitar calorosamente o sr. dr. Ferreira pelo grande exemplo de patriotismo que acabava de dar.

O sr. Mariano Pina disse que se via seriamente embaraçado por ter de fazer o elogio de Bortallo Pinheiro — seu particular amigo. Mas lembrava que no dia da inauguração do pavilhão foi Bortallo o unico artista e expositur portuguez que recebeu as mais calorosas felicitações do presidente da Republica franceza, do sr. Tirard presidente do Conselho, do sr. Berger e do sr. Alphand, directores da Exposição.

Mais tarde o pavilhão foi honrado com a visita de S. A. R. o sr. duque de Bragança, e foi ainda Bortallo o unico expositur que recebeu felicitações escriptas do herdeiro da coroa.

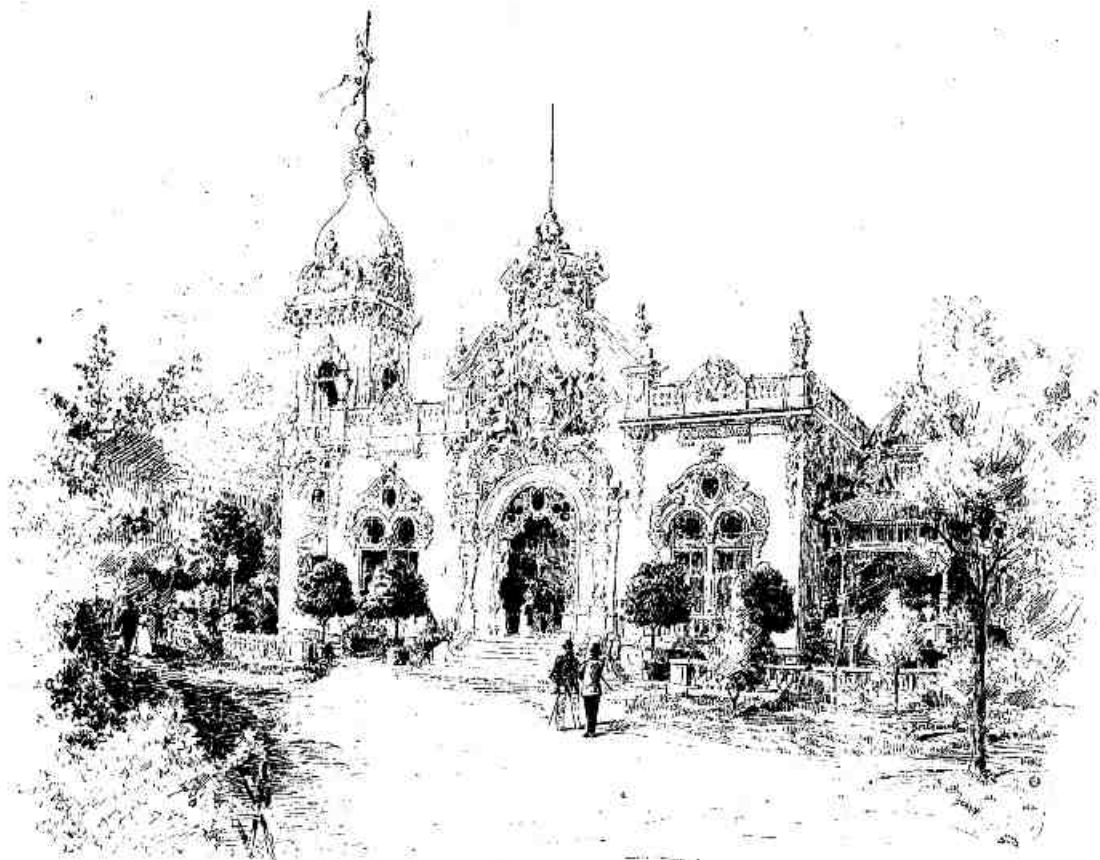
O ministro portuguez, em Paris, s. exc.ª o sr. conde de Valbom, em seguida á inauguração do pavilhão, convidou Bortallo Pinheiro a jantar na legação de Portugal, e em nome do paiz brindou ao artista que em Paris tanto se havia distinguido.

E as felicitações a Bortallo Pinheiro continuam sempre, da parte de Sarah Bernhardt, de Coquelin, do dr. Charcot, do barão Alphonse de Rothschild, dos pintores Carllus Duran e Clairin, de Mariano de Carvalho, dos condes de Ficalho e de Seixal, de Eça de Queiroz, Ramilho Orriagá, Pinheiro Chagas, Carlos Mayer, Carlos Lobo d'Avila, presidentes das camaras de Lisboa e Porto, etc.

E um dos maiores elogios ao talento essencialmente portuguez de Bortallo Pinheiro — elogio que é preciso tambem não esquecer — está n'este acto d'um principe portuguez que vive no exilio, e que levou de Paris para o seu castello d'Austria, como primo rosa lembrança da terra portugueza varios exemplares das famosas fanyanças das Calças. Esse principe chama-se D. Miguel de Bragança...

Devemos tambem notar — acrescentou o sr. Mariano Pina — que Bortallo não só se distinguiu pelas suas fanyanças, mas em tudo quanto constitue o successo da nossa soberba exposição. Foi elle quem ornamentou todo este pavilhão; que ornamentou e dispôs as secções vinicola colonial, florestal, mineira e dos productos alimenticios; quem fez o kiosque da venda dos vinhos, quem tudo arranjou, tudo inventou, tudo dispôs, fazendo de estoldor, de decorador, de pintor, e de architecto. O brilho, o conjunto, o encanto d'esta notavel exposição a elle se deve. Com premios que houvesse para elle podiam todos ir, porque aqui mostrou elle com aptidões, com talentos diversos!

A todas estas considerações respondeu do seguinte modo, com mais um rasgo de extraordinaria bizarria, o dr. Alves Ferreira:



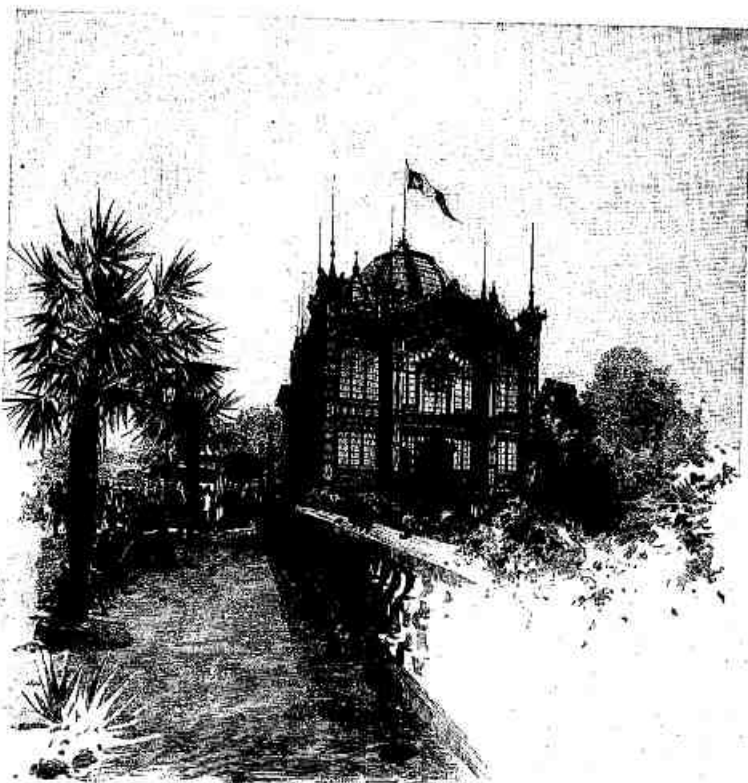
O PAVILHÃO DE VENEZUELA.

— «Pois bem! Em vez de 50.000 francos, seja o premio de 60.000... Serão 20.000 francos para o sr. José Galache; 20.000 para a Liga das lavras dores do Deuro; e 20.000 para o sr. Raphael Bordallo Pinheiro.»

O dr. Ferreira foi vivamente felicitado pelos commissarios portuguezes, que preparavam um banquete em sua honra para o mesmo dia da distribuição dos premios.

O dr. Ferreira desejava que a distribuição fosse no dia seguinte (13 d'outubro) mas objectando-se-lhe que o sr. conselheiro Mariano de Carvalho, presidente da commissão, estaria em Paris no dia 26 d'esse mez e que devia ter o maior prazer em assistir a esta solemnidade, ficou a distribuição dos premios marcada para o dia 20, e para esse mesmo dia o banquete em honra do dr. Ferreira.

Mas quiz a fatalidade que o dr. Ferreira não pudesse colher as felicitações e os applausos de que era digno, pela sua tão nobre e tão patriótica acção.



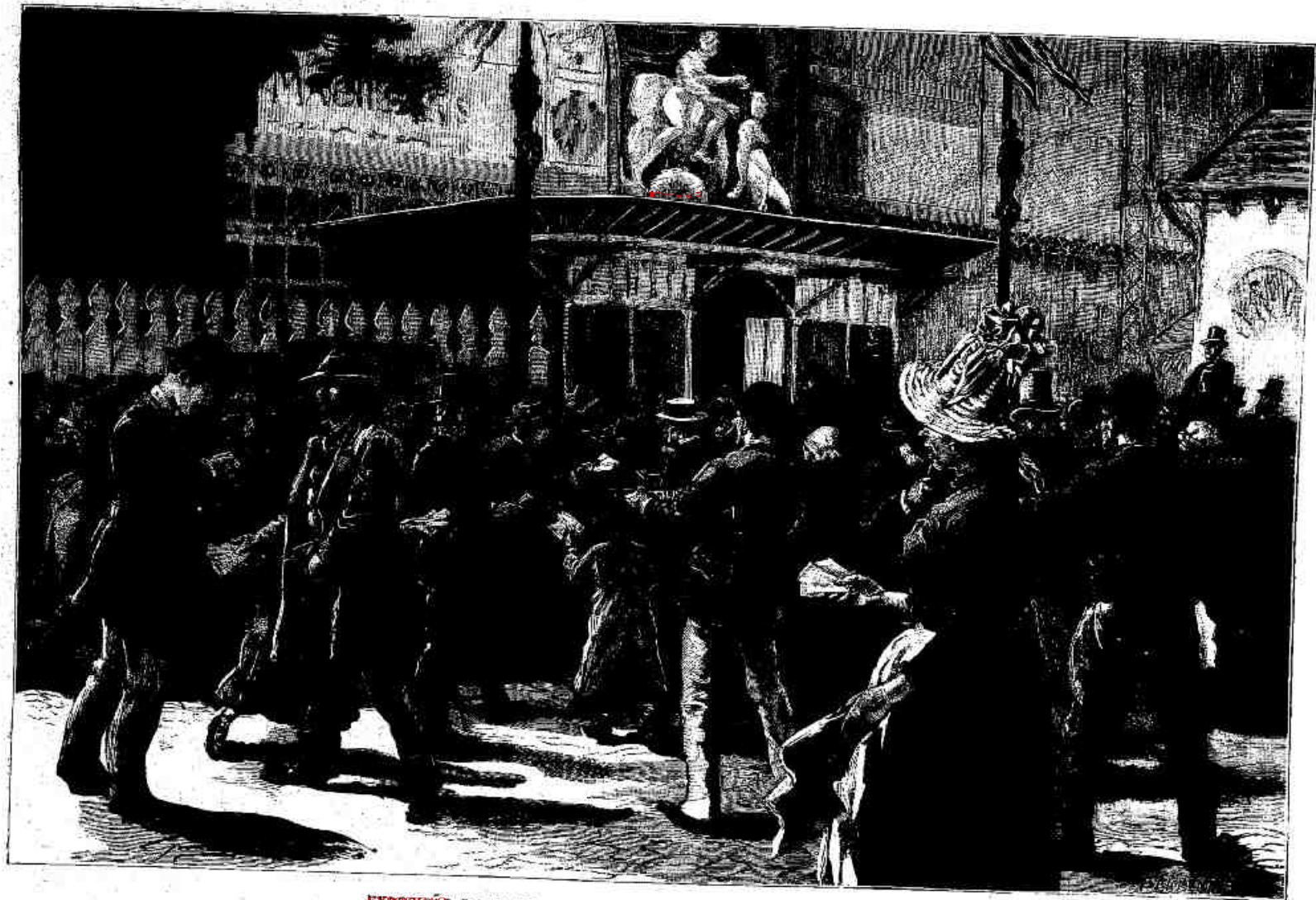
O PAVILHÃO DO CHILE.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS PAVILHÕES EXTRANGEIROS

No dia 18 d'outubro o nosso director Mariano Pina dirigia-se ao Grand Hôtel de Paris, para deixar o seu cartão de cumprimentos ao dr. Alves Ferreira, quando um dos empregados do Grand Hôtel o chamou mysticamente, e o conduziu ao escriptorio da direcção d'aquelle estabelecimento.

O nosso director era a primeira pessoa que n'esse dia procurava o nosso compatriota; e foi a elle que foi communicada a brutal noticia de que o dr. Ferreira havia apparecido n'aquelle manhã morto no seu quarto... Chamara-se um medico para constatar a morte, provocada pelo rompimento d'uma aneurisma. E li-se communicar a triste noticia á policia e ás autoridades portuguezas.

Quanto ao premio, os premiados irão recebê-lo em breve. O dr. Alves Ferreira no proprio dia da reunião quizera entregar a importancia de 60.000 francos aos commissarios portuguezes. Mas sendo-lhe dito que seria mais natural esperar por alguns dias a chegada do sr. Conselheiro Mariano de Carvalho a



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — Os vendedores de bilhetes da porta da Exposição.

Paris, conservou aquella somma como um deposito d'uma quantia que lhe não pertencia, e que devia restituir d'aqui a dias. De sorte que esse deposito seria em breve restituído á commissão portugueza, para ser distribuido pelos premiados.

Calcula-se a fortuna do dr. Alves Ferreira em cerca de quatro mil contos fortes. Esta fortuna fôra adquirida por uma pharmacia que odia, Ferreira possuia no Rio de Janeiro.

O SUFRAGIO POPULAR

O nosso collega lisboense o Tempo, a proposito das eleições que tiveram lugar em Lisboa no dia 20 de outubro findo, lembrou-se de fazer um plebiscito entre os escriptores portuguezes pedindo-lhes uma opinião acerca do sufrágio popular. Eis o que alguns escriptores responderam:

Passo que o sufrágio popular deixará de ser succedâneo do appellido digestivo da politica portugueza, quando o eleitor for tanto ou mais interessado e independente que o deputado eleito; mas sendo isto, como é, um absurdo, o sufrágio popular nunca poderá ser considerado um traço bastante serio da fisiologia do regime representativo. Colhego pouco a engrenagem eleitoral; mas, observando no Minho as saturnas do sufrágio popular, fiquei edificadissimo, e esqueci já não vai a dar vitas ao sr. D. Miguel a.

(L — M — Sp.

De V. etc.

CARILLO CASTELLO BRANCO.

O sufrágio popular é uma superstitão moderna, pela qual os philosophos substituíram a superstitão antiga do Deito Divino, ao reconhecerem que o dito direito tinha cessado de se achar nos casos.

Esta nova superstitão pertence á série do Este Supremo, da Deusa da Rapto, da Homocópia, das Cartas Constitucionais e das inéptias que avultam á roda.

Ilha tem evidentes vantagens sociais. Enriqueceu a arte de escrever e de discursar com novos flores de rhetorica, tais como a *lúca*, a *plúca*, o *calor* e a *trepa*. Anima a prestidigitação, a magia branca e a chimia culinária, por meio da empalmiação dos papelinhos de dominó e das cartas, pela vulgarização das caixas de tundo falso chamadas urnas, e pelas diversas combinações gaitonómicas que determinam sobre o libano o carneiro com batatas e sobre a symbolica pescadilha de jato na bocca. Finalmente ella protege maternalmente o consumo da amica, e desenvolve o gajo dos exercicios athleticos, incitando com ardor ao jogo da moça sobre a nuca do povo.

Enquanto o cerebro da sociedade não adquirir a consistencia necessaria para comprehender que a função do governo é puramente scientifica, e tem de se basear em uma corollativa organisação technica, como a da medicina, a do poder judicial, a da engenharia, etc., passaremos que a nossa obrigação é defender o sufrágio popular, e derrotar por elle toda a rhetorica que for preta, alim de que a não substituiam por coisa preta.

Dentro do campo das ficções — e é esse campo que constitue o dominio de toda a politica moderna — o sufrágio popular entendo eu que é a superstitiosissima mania catita que ali temos.

<< Ramalhão Omeio.

Vejamos o que sabe:

Uma oleographia vistosa, uma gravura de almanach francez, uma valia de um mestre de philantropia de provincia, os vinhos sentimentaes de um trovador do piano, obtieram, em toda a parte, pelo sufrágio popular, preferencia a uma tela de Ruysdael, a uma agulha de Charvillat, a uma symphonia de Berlioz, e a um soneto, a uma estatueta ou a um poema de Corneille, de Sully-Prudhomme e de Leconte de Lisle. Porquê? Porque o voto artistico existe ainda no povo no estado embryonario, sem educação alguma, rudimental e incoherente. A intelligencia humana, sob esse aspecto, em pouco sobrepuz a intelligencia troglodyta, origem da nossa, segundo Darwin.

No mundo politico, pela insciencia em que os cidadãos se acham da propria força, pela ignorancia dos fundamentos do direito, que lhes assiste, e das consequencias logicas do exercicio que fazem d'esse direito, acoberta o mesmo. José Prudhomme impõe em toda a parte: é o eleito absoluto do povo em todas as nações, indispensavel em todos os parlamentos, em todas as assembleias, nos tribunals dos oradores, nos cadafals dos ministros e nos thronos dos presidentes. No entanto, como o sufrágio representa, não um direito ou mandato, mas o poder executivo da soberania popular, e não ha outro meio pelo qual uma nação possa revelar

e impôr a sua vontade suprema, accedendo-lhe com todas as suas consequencias, sugando-lhe aos factos, como elle se nos apresenta. Portanto, levantamos os elos nos escudos dos nobres chapéus altos, e congratulamo-nos uns aos outros, porque em todos nós ha, pelo menos, uma costella de Prudhomme.

Eis o que sabia.

(L — M — Sp.

J. PENA.

O sufrágio popular é a grande arma de um povo livre, que deseja exercer pacificamente, sem turbacões, nem guerras civis a sua magestade e soberania, superior e anterior a todas as soberanias e magestades. Usado livremente, fóra de todas as pressões auctoritarias, de todos os confusos de facção, de todas as violações da consciencia, encaminhado pelo espirito publico de um povo que sabe discernir entre o que é moral e justo e racional, e o que repugnante á razão, á justiça, á moralidade, não ha seguramente mais precioso attributo do cidadão. Quando apparece deito a origem, viciado pelas recenhecimentos facciosos, pela servidão nos arbitrios omnipotentes de governos insanos e egoistas, quando nasce da corrupção e vice da immoralidade, não é já a expansão do espirito popular, genericamente illuminado, mas a triste manifestação de que um povo chegou á sua derradissima degradação e á sua irreversivel decadencia.

Latino Coklio.

Pode-se que lhe diga o que penso do sufrágio popular?

Se o amigo quizesse inquirir de mim o que penso da politica humana: se me pedisse a minha opinião politica a respeito dos Pharaes, ou dos Kullias de Bagdad: se me perguntasse qual a dimensão proximal da cauda do primato anelroquithico, na epoca do genio prehistorico; em que rythmo eram cantadas as canções dos bellos e lousos piratas normannos, quando approxim, pela primeira vez, á ilha estúpida da nevem e do carvão: — finalmente, se me perguntasse coiza de passao, como: em que relações d'amizade esteu ou com o Grão Turco: que sentimento estatico me inspiram D. Guilomar Torrezão e a cavalleja da manilha: qual a minha opinião critica sobre o sr. Placêncio Ferreira e os cantos d'Orpheu: — nenhuma d'essas perguntas inverosimilme me adiantaria mais rancidite a responder-lhe, do que a escrever, na presente occasião, um pouco charrá, uma especie de artigo de fundo.

Mas visto que quer o alvitre d'um desmollido convicia, alvitre tanto mais insano quanto nenhum papel pretendo representar na comédia contemporanea, esforçar-me-hei em o servir.

Propôr uma questão d'arte, de gosto, de sciencia, de litteratura a um plebeio, dá sempre como resultado a estúpida hydropisia do Numero vencendo a razão, ou o ideal, em minoria.

Em politica, porém, o plebeio, (não sendo viciado) dá sempre, no momento opportuno e historico, uma decisão logica e moral.

Eu explico a apparente contradicção.

Como todo e qualquer problema d'arte, de litteratura, ou de sciencia, versa sobre um grupo de causas e effectos, que importa para as sondar, medir e pesar, a faculdade critica e da abstracção, é obvio que o problema, pela sua mesma accedida, escapa á analyse da massa leiga.

São sempre, por isso, picarescos e disfuncionais todos os plebeios em que se interroga quasi: é o primeiro litterato, quem é o primeiro sabio, quem é o primeiro poeta, quem é o primeiro becharoff? — por quanto isto pressupõe uma somma de juizos, de raciocinios e de abstracções, que a turba não póde formular, dividir, agrupar, nem deduzir.

Se alguns propoizeses no século XVII ao globo terraqueo um povo — ainda que não existisse o Santo Officio e a concepção religiosa — se Galileo, affirmando o movimento da terra, era ou não, um zote e um orate, o globo terraqueo em povo votaria que Galileo era um pedago d'anno.

E os mais radicantes do planeto acharão nos polos, affirmarum, apenas, que ella era um melancolico, e um maru...

Em politica, porém, a scena cambia. Aqui não se requeiem na massa anonyma grandes contornos meta-physicas.

Tudo repousa na entção moral — a confiança.

E como é claro que a sociedade é como um grande proprietario colectivo que tem o direito de eleger os seus representantes e os seus administradores: e como é mais obvio ainda, que a primeira coisa que quer tanto o rico, como o pobre, tanto o pequeno, como o

grande proprietario, é que os seus gerentes sejam da sua confiança, é evidente e nido que em politica o plebeio é logico e moral.

E porque... Porque um candidato póde illudir, é certo a credulidade popular: mas, para lhe rapar a confiança, illudim póde lado superior e heroico a alma publica, mascarando as virtudes civicas: isto é, prestando simula, como a hypocrisia, um prelo á virtude.

Mas, quando mesmo a sua confiança é illudida, a collectividade tem sempre meio de pôr um brido no abus.

E em politica, vale mais salvaguardar um grande direito, mau grado os seus defeitos, do que esquecer a cabeça da Liberdade, em nome do puritanismo.

Porque os grandes direitos ganham palmo a palmo pela Historia sabem da entranha ferida da humidade, como o homem sac do ventre materno: entes sangue e lagrimas.

GONÇES LEAL.

Vamos a suppr pelo melhor: que o sufrágio popular seja sincero. Sinceridade do que é da via costumaria do interesse pessoal, do paradoxo, do odio, da cegueira. Quando não seja sincero, póde ainda ser falso; ou do falso, como a musca que o Rossini dizia que devosse ler-se de pernas para o ar...

Júlio Cesar Machado

O conceito que formo do sufrágio popular é justamente e conceito que formo d'um reboar: bom ou mau, optimo ou pessimo, conforme o uso que se fizer d'elle.

João de Deus

P. S. — Esquecia-me dizer que tambem póde ser bem bom nem mau, como aquillo que me levou ao parlamento em 1888.

VALOR ALIMENTICIO DO OVO

O sr. Fresenius, de Wiesbaden, affirmava que um ovo contém tanta materia alimenticia como uma libra e um quarto de cereja ou de uva, uma libra e meia de maçãs, duas libras de groselhas e quatro libras de peras.

Tambem o mesmo chimizo affirma que 100 libras de batatas são tão alimenticias como 114 libras de uva, 137 de maçãs, 192 de peras e 327 libras de ameixas.

DOCTORES EM MEDICINA

Acaba de se descobrir uma nova fabrica de diplomas de doctores em medicina!

Trata-se d'uma Faculdade phantastica de medicina e de cirurgia, instituida no se Trinity University of medicine and surgery, tendo a sua sede em Bennington (Vermont) e não existindo em realidade senão nos pergaminhos que são conferidos por alguns habidos larapios, por uma somma que varia entre doze e sessenta libras.

Ajuntamos pois a esta agencia a University of Cincinnati; a New-York State medical College; a University of New-Hampshire; a Tranton (New-Jersey) medical college, etc. — que são todas officinas do mesmo genero.

Sem fallar nas universidades de letras e de philosophia do egual força, com que certos pedantes se dão ares, por esse mundo de Christo!

OS ESTUDANTES NA ALLEMANHA

O numero de estudantes na Allemania duplicou depois da guerra de 1870, de modo que o prelo intelectual, segundo a expressão do sr. de Bismarck, não faz senão crescer.

E' hoje impossivel achar empregos ou funcções para os 34200 allemães que frequentam annualmente as universidades. Conta-se agora um estudante sobre 1400 habitantes. Sobre os 34208 estudantes, o terço é formado de judeus. Na Austria conta-se um estudante sobre 1200 habitantes e 40 por cento d'estes estudantes são judeus.

Em Vienna a maioria dos professores são israelitas.

FABRICAÇÃO DE BRILHANTES ARTIFICIAES

A transformação do carvão que brilhante pelo calor e pela electricidade; empregados alternativamente ou simultaneamente, é uma questão que anda ha muito no ordem do dia. As revistas scientifi-

cas annuam que Mr. Pison, inventor inglez, acaba de a resolver.

Os dois extremos d'uma haste de carvão tendo soffrido uma preparação especial, são ligados a uma minissima dynamo cujo corrente leva o carvão a uma altissima incandescencia. Formam-se então uma laçada de pequenos crystaes que apresentam todos os qualidades do diamante e podem servir para fabricar lanternas brillantes.

PARIS

36, RUE MONTMOLON, 36

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Opera, Os principaes salões de estradas da terra, dos boulevards e das ruas mais frequentadas, a sua familia. E o mais conhecido e agradável para viagens, banhos e passeios. Ha tudo o que se precisa e das commodidades que elle oferece. Solicitadas.

SABÃO REAL VIOLETO SABÃO DE THIRIDAGE
Deodorante por extractos essenciaes de Myrtos da Índia e de Sassafrão de Indochina.

SUSPENSÓRIOS MILLBRET

passageiros. Le Gonidec, 49, r. J.-J. Rousseau, Paris.

GUERLAIN DE PARIS

FERRO QUEVENNE



Printemps

NOVIDADES

Requisito-se

o catalão genêral illustrado, em portuguez ou em francez, contendo 550 gravuras (modelos ineditos) para a ESTACÃO D'INVERNO que se remette gratis a france a quem o pedir em carta devidamente franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C^{ie}

PARIS

Este Catalogo indica as condições para a exposição franco de portem todos os países do mundo.

São igualmente enviados franco as amostras de todos os tecidos que compoem os immensos sortimentos do **Printemps** especialmente os batis e os gilets e os preços.

Interpretes para todas as linguas á disposição das pessoas que desejem visitar os Annuares.

CASA DE REPRESENTAÇÃO EM LISBOA:

TRAVESSA DE S. NICOLAU 108-9.

A LA ROSSE DU PARADIS

10 medallas no Desporto OGER Legião d'Honneur

CASA FUNDADA EM 1860

Perfumeria Medica

INVENÇÃO NOVA

Extracto, Agua, Sô, Sabonete, Oleo

Sachet, Brillantina Medica.

8, Rue de Strasbourg, PARIS. Fabricação (França)

VINHO DE MILLET

Chalybé Balsamico

Tonico superior d'uma efficacia certa

na Anemia, Chlorose, Prostração, Impotencia, Fevres, Bronchite chronica, Doenças mentaes e nervosas.

PREÇO 3 FRANCOs. O FRASCO

Remessa para o estrangeiro 2fr. por 7 fr.

DEPOSITO

41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris



ASTHMA E CATARRHO

Caradon e Em France

COM OS CIGARROS ESPIC 21a CAIXA

Opreções, Tosse, Complicações, Neuralgias

Em todas as Pharmacias de Portugal e do Brasil. — PARIS, Venda por grosso, 2, 3040, Rue St-Lazare (B). Exportação para todos os paizes



OLEO DE NOCE

de FUGADO FRESCO DE BACALHAO

NATURAL e MEDICINAL

Recollido de 40 ANNOS, em França, Inglaterra, Hespanha, Portugal, Bèrni, Republica Helvética, America, pelos primeiros médicos do mundo, contra as Moléstias do Pecto, Tórax, Garganta, Trachea, Tumores, Irritações da Pelle, Fiebre, Fracção, Fiebre-branca, etc. O Oleo do Bacalhão de FUGADO é o mais rico em principios activos.

Vendido somente em frascos TRIANULARES.

Estabelecimento de FUGADO de FUGADO de FUGADO

Data Proprietaria: 1860, 2, rue d'Angoulême, PARIS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

1 e 100 TODAS AS PHARMACIAS

EXPOSITION UNL 1878

Medalla d'Or

LES PLUS HAUTES RECONFERENCES

OLEO DE QUINA

E COUDRAY

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

RECONFERENCIAS PARA 1.º PRÊMIO DE 1.ª CLASSE

TODOS OS DENTRICOS

SÃO BONS...

Quere-se dizer isto algumas vezes.

Aquelle pessoa que nos transmite tal

afirmativa, evita muitas vezes o de-

signio de sorrir francamente com me-

do de mostrar a todos os olhos a sua

applicação de um remédio principio.

Mas se ao contrario, apoiado no

seu cinto, elle vos exhibe uma denti-

ção completa, dentes brancos e bem

tratados, ficce certos que teve o cui-

dado de escolher entre estes denti-

fícios, que prezante todos bons, a O

Dr. Domicilio dos R. R. F. P.

Beneficiarios da Abadia de Soure

que sabe superior a muitos dos seus

congenere e cuja experiencia de cin-

co seculos tem estabelecido uma ma-

neira indiscutivel e sua constante effi-

ciacia.

Agente geral:

A. Seguin, Bordenaux

Preço de venda em Franco, 1878:

2, 4, 6, 12 e 24 francos.

Preço de venda em Franco, 1878:

1, 25 francos.

Preço de venda em Franco, 1878:

1, 25 e 2 francos.

Encontra-se em todos os perfumis-

tas, Ouballeiros, Pharmaceuticos,

Droguistas e Retrozeiros, etc.

Encontra-se em todos os perfumis-

tas, Ouballeiros, Pharmaceuticos,

Droguistas e Retrozeiros, etc.

Encontra-se em todos os perfumis-

tas, Ouballeiros, Pharmaceuticos,

Droguistas e Retrozeiros, etc.

Encontra-se em todos os perfumis-

tas, Ouballeiros, Pharmaceuticos,

Droguistas e Retrozeiros, etc.

Encontra-se em todos os perfumis-

tas, Ouballeiros, Pharmaceuticos,

Droguistas e Retrozeiros, etc.

Encontra-se em todos os perfumis-

tas, Ouballeiros, Pharmaceuticos,

Droguistas e Retrozeiros, etc.

Encontra-se em todos os perfumis-

tas, Ouballeiros, Pharmaceuticos,

CASA DE VERTUS

12, Rue Auber

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

PARIS

ESPARTILHOS

OCCUPAE

na vossa

reunio em trabalhos de COR-

TE e RECOMUNDO de INDI-

ORSE os vossos quaes e em

bonitos objectos construidos

para vossa propria util. Machinas, serras,

desenhos e mais utensilios. Envia-se franco

o catalogo illustrado por 30 cent. 3, rue

da Fidejús, Paris.

OCCUPAE

na vossa

reunio em trabalhos de COR-

TE e RECOMUNDO de INDI-

ORSE os vossos quaes e em

bonitos objectos construidos

para vossa propria util. Machinas, serras,

desenhos e mais utensilios. Envia-se franco

o catalogo illustrado por 30 cent. 3, rue

da Fidejús, Paris.

OCCUPAE

na vossa

reunio em trabalhos de COR-

TE e RECOMUNDO de INDI-

ORSE os vossos quaes e em

bonitos objectos construidos

para vossa propria util. Machinas, serras,

desenhos e mais utensilios. Envia-se franco

o catalogo illustrado por 30 cent. 3, rue

da Fidejús, Paris.

OCCUPAE

na vossa

reunio em trabalhos de COR-

TE e RECOMUNDO de INDI-

ORSE os vossos quaes e em

bonitos objectos construidos

para vossa propria util. Machinas, serras,

desenhos e mais utensilios. Envia-se franco

o catalogo illustrado por 30 cent. 3, rue

da Fidejús, Paris.

OCCUPAE

na vossa

reunio em trabalhos de COR-

LES DEPILATOIRES DUSSEY

PASTA EPILATORIA para o rosto. --- PELIVORA para os braços

DUSSEY, inventor, 4, rue Jean-Jacques-Rousseau, em frente do Louvre



A PASTA EPILATORIA DUSSEY

Thodore radicamente os **PENHOES DESAGRADAVEIS** (Barba, Blande, etc.) dos rostos das mulheres, sem **nenhum inconveniente** para a pelle mais doctra. **50 ANOS DE EXITO.** **Não dá a recompensa** a **Depilatoire**, **Preservador** de **quintas** **Familias** **romantes**, **Milhares** de **afectados**, e a **agorinha** do **empenho** **Recalhados** da **Corpeção** **Moder**, **garantem** a **afineza** e **absoluta** **luzidando** d'ous **proteção**. **Vende-se** em **caixas** para o **rosto**, a **separ** **caixas** para um **pequeno** **lado**. **O PILIVORE** **em** **uma** **para** **os** **braços**, **as** **quas** **comuns** **d'ous** **luzidando** **alvura**.

DUSSEY, 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS: **Rua** **Lisboa:** **RODRIGUEZ, BERNARD, Farmacia** **ESTADIO** **0°**, e **nas** **principaes** **Perfumerias** **de** **Lisboa** **e** **do** **Brazil**.

Interessante Descoberta Parisiense

DA **PARFUMERIE-ORIZA**

de **L. LEGRAND, 207, Rue St-Houé, PARIS**

PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS

12 PERFUMES

DECICIOSOS

Sob forma de Lapis e Pastilhas

Basta esfregar levemente os objectos para perfumal-os instantaneamente.

LISTA DOS PERFUMES COCROETOS:

VIOLETTE DU GAR.	JOCKEY-CLUB Douquet
JASMIN D'ESPAGNE.	OPONAX id.
HELIOTROPE BLANC.	CAROLINE id.
LILAS DE MAI.	MIGNARDISE id.
FOIN COUPÉ.	IMPERATRICE id.
ORIZA LYS.	ORIZA-DERBY id.

DESCOBRIMENTOS DAS FALSAFICAÇÕES

A Venda em Portugal em Casa de todos os Perfumistas e Collocadores

T. JONES
23, Boul^o des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Parfumeria Inglesa
EXTRA-FINA

Especialidades

T. JONES
— DR —
Fluide Latif
Produto sem igual para amolecer e preservar a pelle quique irritação.

La Juvenile
Po sem nehum mistum clinica para os cuidados de rosto adherente e invisivel.

Lily Wash
Para embellezar a pelle e brancar a Paoço e os Hombras

Latif Cream
Conserve-se perfectamente solo todos os climas. Superior a todos os Cold-Cream conhecidos.

Agua de Toilette Jones
Tonica e Refrigerante.

Elixir e Pasta Samochti
Demitica, antileptica, brancifica os dentes, impede o suor e o turturo.

W. Kollin
eto.

T. JONES
23, Boul^o des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Parfumeria Inglesa
EXTRA-FINA

Extratos compostos

IMPERIAL ROSSE
ESP. BOUQUET
VICTORIA
GAPRIDE
CHYPRE
MUSQUE
PIRABIS
W. Kollin
eto.

Extratos compostos

SOMETHING NEW
NEW BROWN HAY
STEPHANOTIS
OPONAX
VIOLETS
AIDA
W. ROSE
JUBILEE
eto.